ILUSTRAÇÃO

16-SETEMBRO-1936 N.º 258 — 11.º ano PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

A apólice de seguro, contra dores:

É um tubo original com comprimidos de Cafiaspirina! Levando sempre consigo alguns comprimidos de Cafiaspirina poderá libertar-se rapidamente de muitos incómodos e dôres. Na sua casa, porem, deve existir sempre um tubo completo que só custa 13$00.

Cada comprimido contido naquele tubo é remédio eficaz de tantas espécies de dores, que esta "apólice de seguro contra dores" deve sempre existir na sua casa e na sua algibeira

Cafiaspirina

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** cinco volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Cada volume brochado. . . . . . **12$oo**
Cada volume encadernado. . . . **17$oo**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

UM ÚNICO BOIÃO *deverá dár-lhe*

Uma Pele Clara Branca e Aveludada

ou

Aproveite, hoje mesmo, este oferecimento surpreendente

Se quiser desembaraçar-se dos pontos negros, poros dilatados e outras imperfeições, e dar à pele uma nova e radiosa beleza, compre hoje mesmo um boião de Creme Tokalon, Côr Branca, não gorduroso. Contém o creme fresco e o azeite prédigeridos, assim como ingredientes maravilhosamente tónicos e embranquecedores. Estes dissolvem os pontos negros, fecham os poros dilatados, tornam macia, branca e aveludada a pele mais áspera e mais escura. V. Ex.ª ficará maravilhada com a formidável diferença que êle produz, em um ou dois dias apenas. Depois de uma semana, o seu rosto fresco e claro fará a admiração e a inveja de tôdas as suas amigas. Todo o boião comporta esta garantia formidável: Se V. Ex.ª não estiver absolutamente satisfeita com os resultados obtidos, devolva o boião com o seu nome e morada, que lhe restituiremos, sem formalidades, *o aôbro do preço da compra.*

À venda em tôdas as perfumarias e casas do ramo. Não encontrando, escreva para o

DEPÓSITO TOKALON
88, Rua da Assunção - Lisboa
que atende sem demora.

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 258 — 11.º ANO 16-SETEMBRO-1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

Como se não bastasse já a T. S. F. que expande a sua bisbilhotice a todos os pontos do globo — até mesmo àqueles que desejariam viver isolados de tôda e qualquer convivência, a aviação fortalece esta ligação, levando e trazendo correio das mais remotas partes do Mundo.

Receber um telegrama de uma pessoa querida que se encontra afastada de nós pela imensidade do Oceano, é sempre agradável... a não ser para nos dar uma má notícia; mas receber uma carta escrita pelo seu punho, a rescender ainda aos beijos saudosos que ali depôs antes da assinatura, é mil vezes mais agradavel.

Um telegrama garatujado sôb a pressão do papel químico por qualquer empregado da estação telegráfica que nem sequer conhecemos, representa um recado que nos mandam num laconismo enervante. Quando não traz a tal caligrafia em bom cursivo do referido empregado, apresenta-se na própria fita em que foi recebido, cheio de *stops* e duma goma arábica duvidosa que, em caso algum, poderia confundir-se com as lágrimas de quem nos telegrafa

Uma carta constitui sempre uma espécie de amuleto que mais aviva ainda a nossa saùdade.

Quem, nos recuados tempos da *Nau Catrineta* se lembrasse de enviar dêsses continentes distantes e adustos notícias à família, teria de contar com a penosa demora da viagem dos barcos à vela que muitas vezes ..

passava mais de ano e dia
que iam em volta do mar...

Pois, agora, o correio feito por meio da aviação consegue vencer as maiores distancias, e com tal rapidez que, por êste andar, não nos admirará vêr, dentro em breve, atingir a velocidade da telegrafia.

A passagem do «Graf Zeppelin» sôbre Lisboa não é já uma novidade para o nosso povo. No entanto, é sempre bem recebida a sua visita porque traz notícias frêscas de todo o mundo.

Passa o dirigivel «Hindenburgo», enorme e portentoso, resfolegando em tôda a pujança do seu arcaboiço — e tôda a gente o contempla com verdadeiro carinho É que traz cêrca de 200 quilos de correspondência para a capital. Paira sôbre a capital e larga os sacos do correio em pára-quédas.

Quantas notícias!... quantas novidades! ..

Consta com insistência que a viuva de D. Manoel II vai tornar a casar. Indigita-se como noivo um conde sueco chamado Douglas que não sabemos se descende do famoso diplomata que na guerra dos Trinta Anos ganhou o posto de feld-marechal. Surge, porém, ao que parece, o obstáculo da divergência de religiões. Consentirá o noivo em abjurar o seu protestantismo para abraçar o catolicismo da ilustre noiva?

Eis o que o «Hindenburgo» nos dirá numa das suas próximas visitas.

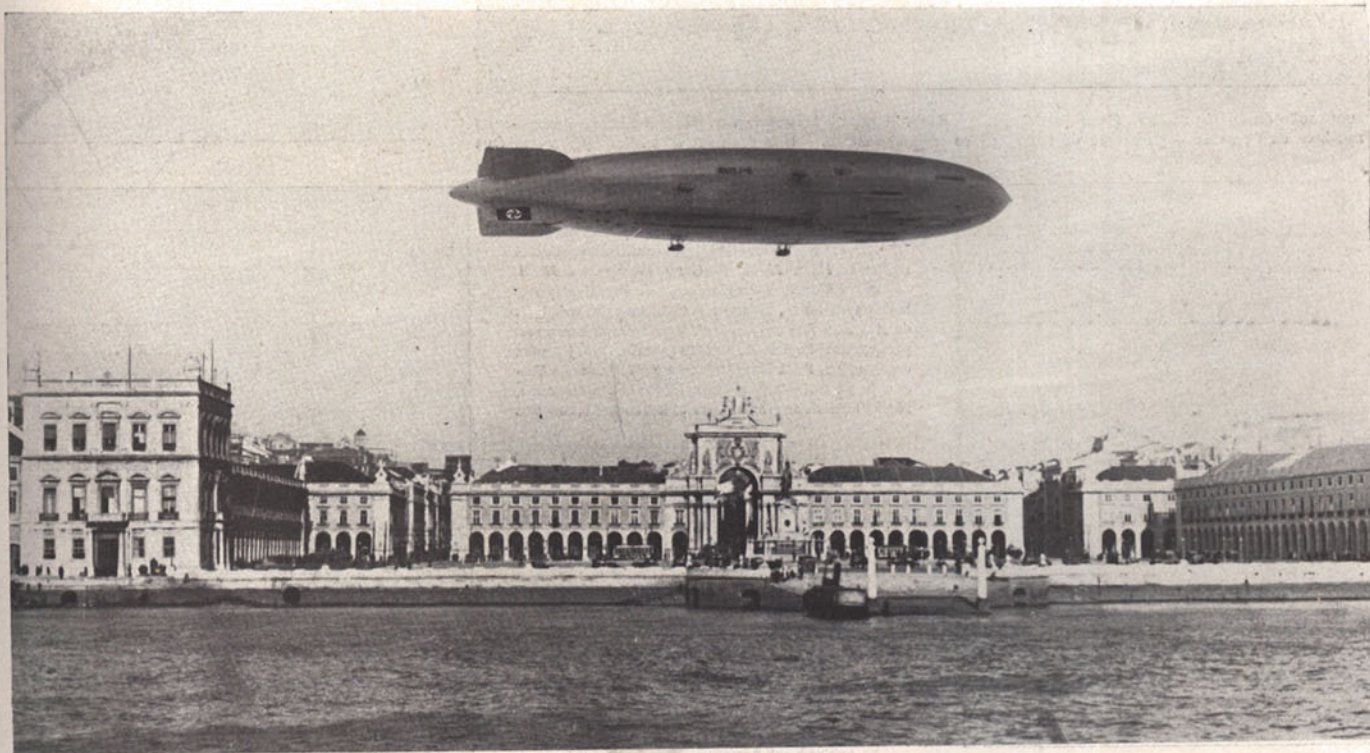
Soubemos tambem que Sua Majestade, o rei Victor Mauoel III de Itália vai ser coroado brevemente, em Adis-Abeba, Imperador da Etiópia.

Entretanto, o sr. Avenol, secretário da Sociedade das Nações, procura reconciliar a Itália com o grande organismo genebrino. No entanto, as notícias de Roma levam a crêr que tais diligências são inúteis enquanto o Negus mantiver em Genebra o seu representante. Em boa verdade, a Itália não deixa de ter lógica. Pois se tudo se prepara para assistir à coroação do rei Victor Manuel como imperador da Etiópia, como poderia um representante italiano aceitar a presença de um representante do Negus Hailé Selassié? A Itália pretende, portanto, a expulsão de qualquer diplomata etíope, e que a soberania italiana na Etiópia, seja plenamente reconhecida.

Mais notícias ainda... Enquanto a França recebe com grande entusiasmo o generalíssimo polaco Ridz Smigly, na intenção de uma forte aliança, a Alemanha volta a pensar no corredor de Dantzig.

Enquanto os apóstolos da paz mundial sossegam a humanidade com conferências para consolidar o sossêgo que todos desejam, o ministro francês Daladier propõe a verba de 10 biliões de francos para refôrço da Defesa Nacional. Por sua vez, a Rússia, cujas doutrinas eram tão contrárias ao militarismo, está mais prussiana do que nunca. Segundo o último plano, vai ter em pé de guerra 1.600.000 homens. A Austria faz o possível por se armar o melhor possível para o que der e vier.

Mas, como os apóstolos da paz garantem que o perigo de uma conflagração mundial está passado, vai-se vivendo nesta dôce esperança até que volte o dirigivel «Hindenburgo» com notícias novas e fresquinhas com todos os pormenores que as várias agências telegráficas omitem no seu habitual laconismo.

O «Hindenburgo» sôbre o Terreiro do Paço

NOTICIAS DA QUINZENA

Visita do chefe do Govêrno às Fábricas de Material de Guerra

O sr. Presidente do Conselho visitando os Armazens de Material de Guerra de Beirolas. — Outro aspecto da visita à Fábrica de Chelas, ao ser-lhe apresentado um torno aperfeiçoadíssimo que honra a indústria nacional

Padrão Gago Coutinho

INAUGURAÇÃO do Padrão no Ilheu Gago Coutinho, ao sul de S. Tomé, em homenagem ao glorioso almirante, vendo-se os membros da Comissão organizadora de tão simpático empreendimento. — Uma das faces do Padrão após a cerimónia

← Professor Aldo Mieli

As duas conferências que o prof. Aldo Mieli acaba de realizar em Lisboa serão publicadas em português na Revista *Petrus Nonius* do *Grupo Português de História das Ciências*, patrocinada pelos Presidentes das Secções do Pôrto, Coimbra e Lisboa e pelos membros de *Académie Internationale a'Histoire des Sciences*, respectivamente Prof. A. A. Mendes Correia, Prof. Joaquim de Carvalho, Prof. Ricardo Jorge e Prof. Fernando Vasconcelos e dirigida pelo Dr. Arlindo Camilo Monteiro, sócio da referida agremiação científica com séde em Paris

■

Dr. Custódio Cabeça →

COM o falecimento do prof. Custódio Cabeça, a cirurgia portuguesa acaba de perder um dos seus mais ilustres paladinos, cuja memória ficará sempre viva e sempre saudosa

■

A nossa capa

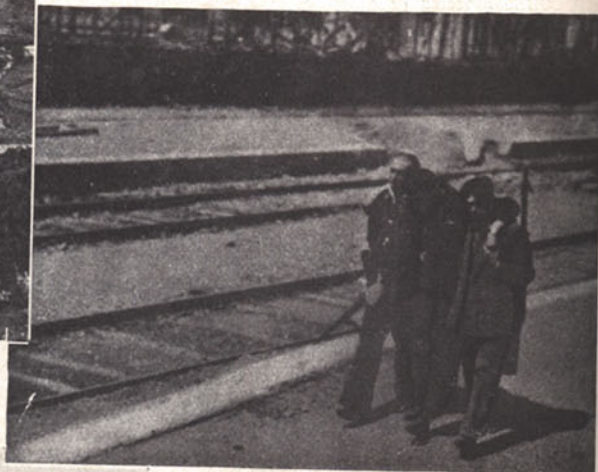
A ilustre artista brasileira Leão da Silva, encontrando-se de passagem em Portugal, quis honrar-nos com um dos mimos do seu belo talento, focando um aspecto de Lisboa como a sua imaginosa fantasia o viu

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

ALGUNS aspectos da guerra civil, vendo-se em cima uma criança mutilada por um obus no hospital de Luerca. — Um grupo impressionante de pobres mulheres que choram os entes queridos que perderam nesta espantosa luta. *A' direita:* O general Franco, comandante das tropas nacionalistas, vendo-se atraz dele o general Mola. *Ao centro:* Um rapazito varado pelas balas quando atravessava um jardim. Imponentes funerais de falangistas em Valladolid.

Um magnífico desenho de Liska, dando uma visão da luta com todos os seus horrores e atrocidades. O lápis do artista conseguiu ser mais eloquente que a objectiva do fotógrafo. — Um dos aspectos que Toledo oferece a quem o vê.

O MOVIMENTO SALVADOR DA ESPANHA

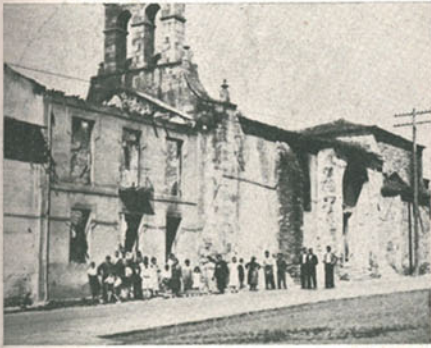
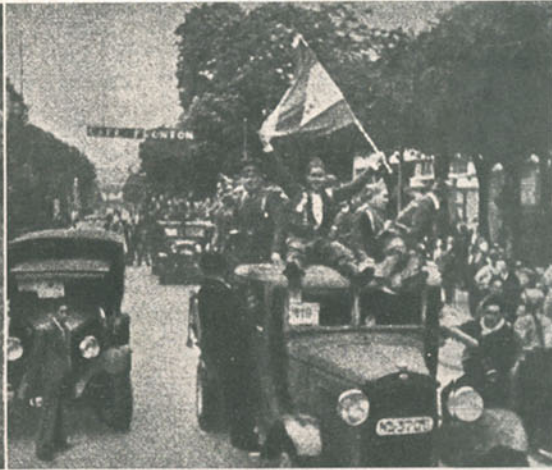
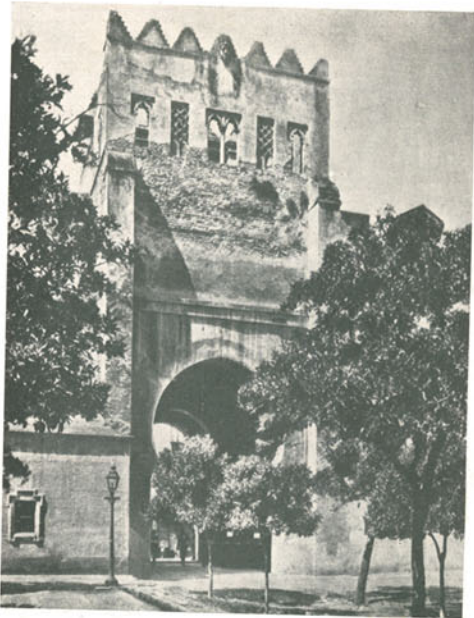
Uma vista da luta na frente de Guipúzcoa, notando-se que o ardor das tropas nacionalistas não esmorece. — Um ferido apoiado em dois camaradas, dirige-se penosamente para a ambulância mais próxima

Em baixo: o general Cabanellas que, com o seu patriotismo, é hoje a garantia da redenção espanhola

Na frente do Guadarrama, as tropas nacionalistas continuam a progredir. A gravura acima apresenta um grupo de marxistas capturado em Somosierra, atravessando o monte a caminho da prisão. — Mouros regulares desembarcando de um avião para irem tomar o seu posto na luta contra os marxistas. A acção das tropas do general Franco torna-se cada vez mais eficaz, podendo dizer-se que, dentro em pouco, a Espanha estará desbravada de todos os elementos perniciosos que lhe dificultavam a sua marcha no trilho da civilização. De entre as ruinas fumegantes surgirá, numa verdadeira ressurreição, a antiga Espanha tão orgulhosa do seu passado e das suas tradições

Um aspecto da luta contra Irun que, ao cabo de violentos combates acabou por entregar-se às fôrças nacionalistas. — A' esquerda, tropas nacionalistas tomando entusiasticamente o caminho da frente do Guadarrama com a firme certeza de vencer e salvar, portanto, a sua Espanha. Quando uma tão ardente fé anima os combatentes, a vitória é sempre certa

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Exemplos eloqüentes do mais belo patriotismo

O espírito nacionalista triunfa em todos os pontos da velha Espanha tão cheia de tradições. Em Larache, como se vê, as mulheres dão o exemplo formando milícias que auxiliarão o esfôrço das tropas salvadoras. Desfilam galhardamente cheias de fé nos destinos da pátria. Salamanca manifesta-se também em tôda a sua grandeza tradicional que até as crianças se sentem felizes em amar a terra que lhes foi berço. É curioso ver como êsse falangista apresenta o seu filho para mostrar bem claramente que nesta hora de luta não vacila em depor no altar da pátria o maior afecto do seu coração generoso. É cruel mas assim é necessário para evitar um mal maior. Um dia, quando essa criancinha se tiver tornado um homem, saberá cumprir o seu dever de cidadão espanhol. É do encadeamento destes exemplos que o patriotismo se tornou um dogma intangível, sagrado e eterno, transmitindo-se de pais para filhos.

O lastimoso estado em que os mineiros deixaram a formosa igreja de S. Pedro em Ponferrada. Tanto o templo como a casa paroquial foram totalmente destruídos pelo incêndio, tendo-se perdido verdadeiras preciosidades artísticas que não poderão mais ser restauradas. Felizmente que o espírito nacionalista se manifesta em tôda a parte de Espanha na intenção de pôr termo a êste triste estado de coisas. A gravura seguinte apresenta um desfile de falangistas em Larache. Por outro lado, a gravura que segue mostra-nos grupos de falangistas de Ponferrada partindo entusiàsticamente para a frente asturiana. Anima-os êsse fogo sagrado que dá a todo o homem que se presa o orgulho de defender a sua terra, a ponto de dar a vida por ela. E, então, de todo êsse sangue generosamente vertido é que vai sendo feita a forte argamassa para a construção da casa feliz, sossegada, calma e adorável dos nossos filhos e netos.

As três fotos que reproduzimos representam três fases curiosas da guerra civil em Espanha. A primeira da esquerda mostra um aspecto do ataque a San Sebastian. As tropas nacionalistas, após o estrondoso triunfo de Irun, avançaram resolutamente sôbre a capital da Guipúzcoa que está passando horas de tremenda ansiedade. A gravura seguinte apresenta o regosijo dos falangistas depois da tomada de Tolosa. Finalmente vê-se uma gentil espanhola da Cruz Vermelha cosendo o rasgão da calça de um combatente revoltoso. Há serenidade, como se vê, há patriotismo e disciplina. Com estes poderosos factores, a Espanha será salva. De resto, êste prodígio operou-se sempre em tôdas as pátrias quando uma lufada bárbara e anárquica as pretendia desmoronar e perder para sempre.

O Pátio das Laranjeiras e a Porta do Perdão em Sevilha

RECORDAÇÕES SAUDOSAS

Aquela formosa e artística Espanha

está ameaçada de completa destruição pelo terrorismo

Se algum país pode orgulhar-se de possuír belos monumentos bafejados por tradições milenárias, recordações sagradas de tempos idos que ainda patenteiam feitos gloriosos, pergaminhos eloqüentes de uma acção civilizadora, êsse país é a Espanha que uma pavorosa guerra civil está esfacelando, palmo a palmo.

Lamento profundamente o que se está passando na nação vizinha, não só pelas crueldades sofridas por tôda uma população desejosa de paz e sossêgo, aferrada à sua pátria, ao seu lar, aos seus costumes, aos seus amores, às suas recordações, mas também por mim — porque não hei de confessar o meu bocado de egoísmo? — que me habituára a deliciar a vista em maravilhas que não sei se voltarei a ver.

É triste, francamente, verificar que, tendo a Espanha atravessado períodos horrorosos de luta com o estrangeiro e até de guerra civil como nenhuma outra nação, haja conservado as suas preciosas relíquias até hoje para que a adiantada civilização, chegada não sabemos de que infernal laboratório, se empenhe em despedaçá-las!

Tornarei a ver êsse Toledo maravilhoso, a rescender perfume de moiras encantadas, e que os conquistadores cristãos souberam respeitar através dos séculos?

Aos bárbaros que, na mais criminosa das cegueiras, se esforçam por desmoronar o que nunca mais poderá ser reconstruído, poderíamos dizer o que o nosso povo costuma salientar numa das suas trovas, ao condenar uma feia acção:

Nem os moiros da Moirama
Fariam o que fizestes!

Voltarei a ver a formosa Málaga dos deliciosos vinhêdos, essa cidade encantadora que ainda ontem fazia lembrar a antiga Malaca dos fenícios, e que hoje apresenta o doloroso aspecto de um montão de ruínas fumegantes? Que será feito dessa jóia preciosa da graça andaluza que um grande poeta definira assim:

Vino, sentimiento, guitarra y poesía,
Componen los cantares de mi patria,
Cantares!
Quien dice cantares, dice Andalucia!

Em frente das majestosas muralhas da Alcazaba, ainda há tempos um poeta ilustre fizia a seguinte evocação:

Sombreados por tus muros altaneros,
Miro surgir las turbas africanas
Coronando tus torres soberanas
el vivo resplandor de sus aceros.

Sueño que reyes, plebe y caballeros,
formando bulliciosas caravanas,
juran vencer las huestas castellanas
que diezmaram la flor de sus guerreros.

Oigo piafar el potro que se aleja,
por la espuela de hierro enardecido
que le castiga si cobarde ceja;

Y en las alas del viento, hasta mi oido,
del cautivo infeliz, siento la queja,
repetiendo los ecos su gemido.

Hoje, que pungentes evocações conseguiria o poeta ao contemplar os trágicos destroços dessa Málaga malfadada? Não ouviria as queixas de um cativo imaginário, mas um côro de vozes angustiadas elevando ao céu as suas preces que os ecos repetirão para mostrar que o seu seio empedernido é mais compassivo e acolhedor que os corações humanos.

O bispo e o fidalgo — quadro de Valdés Leal, no Hospital da Caridade, em Sevilha

Granada vista do Generalife

Quando hei de tornar a vêr a linda Córdova, tal como a vi e admirei noutro tempo, em tôda a imponência da sua mesquita, dos seus arcos do Mihrab, da sua catedral rendilhada, da vetustez simbólica da sua ponte romana?

Quando voltarão as minas de Rio Tinto a abrir o seu ventre tão fecundo de filão que alimentava quási metade do mercado mundial?

E Granada? Que será feito da nossa querida Granada que tantas vezes admirei do alto do Generalife?

Como recordo agora aquela formosa quadra cheia de unção, de graça e ingenuidade:

Quiero vivir en Granada
Porque me gusta el oir
la campana de la Vela
cuando me voy a dormir!

Ao recordar-me da Alhambra, não posso deixar de evocar a magnanimidade do grande Ahmar que ali construiu o seu palácio triunfal do Amor. Allah prometera-lhe em sonhos um paraíso povoado de belas hurís, e permitira-lhe instalar antecipadamente um harem famoso em que cada uma das jovens se ocupasse apenas da sua beleza.

Alhambra, erguida no alto de uma colina, contemplava, dum lado a Granada gentil, e do outro a Serra Nevada. Que será feito hoje dêsse glorioso monumento?

Não posso deixar de me lembrar da graciosa Almória, tôda rodeada de pomares, que, vista uma vez, nunca mais esquece.

Alméria, cujo nome significa em árabe *Espelho do Mar*, talvez tenha deixado de existir nêste momento.

Como ela se apresentava altiva, ostentando a sua Alcazaba eriçada de torres e muralhas mouriscas! Se aquelas pedras pudessem falar, que empolgante narrativa nos fariam dos tempos idos em que Alméria fôra uma das mais importantes cidades de Andaluzia. O povo almerino, terno, amavel e respeitador, de palavra fácil e atraente, recorda ainda as grandezas passadas da sua terra natal com a expressão que é repetida ainda em tôda a província.

A Morte — quadro de Valdés Leal, existente no Hospital da Caridade, em Sevilha

Cuando Almeria era Almeria,
Granada era su alqueria.

Nêste, desabafo o povo não tem o fim de rebaixar Granada, mas tão sòmente o justificado desejo de exaltar a terra que lhe foi berço.

Convem saber que nessas eras distantes, durante as quais Alméria esteve constituida em reino de taifa, houve um rei exemplar que juntou à história da dominação árabe uma página gloriosa de paz e prosperidade. Daí, a conhecida expressão popular. Almotacim se chamava o soberano. Enquanto os vários reisêtes andaluzes se guerreavam desvairadamente, o de Alméria preferia dedicar-se a trabalhos uteis e proveitosos. Era tal o seu horror à guerra, que reduziu os seus domínios até os meter nas muralhas da sua cidade. À fôrça de trabalho, de justiça e piedade, conseguiu tornar o seu porto mais comercial que qualquer outro, e Alméria a cidade mais tranquila e mais agradável da Andaluzia. E assim Alméria tornou-se uma cidade visitada pelos estrangeiros, aproando diariamente ao seu porto naus espanholas, galeras africanas da Síria e cidadãos das várias republicas italianas. Enquanto Almotacim viveu, Alméria era uma verdadeira metrópole da paz e do trabalho.

As minas de Rio Tinto que as tropas nacionalistas tomaram ao cabo de encarniçado combate

Como tudo isso já vai longe!

E Sevilha, a linda Sevilha que todos conhecem e todos amam?

Quem, ao saír da Giralda, não ouviu um *fandanguillo* cheio de delicicsa malícia?

Tengo una manola nueva
Com cuatro jacas castañas,
y la novia más bonita
que calienta el sol de España
Sevillana y morenita.

Recordo-me ainda do dia em que visitei o Hospital da Caridade, na idéia de vêr os famosos quadros de Valdés, dos quais tôda a gente me dizia maravilhas, embora o grande Murillo os criticasse com grande dureza, afirmando que quem os visse "teria de afastar dêles a vista com horror e o estômago com nôjo.»

Não admira que o genial criador da beleza etérea da Imaculada Conceição sentisse horror ante os quadros macabros do mestre Valdés Leal. Tanto o da *Morte* como o do *Bispo e o fidalgo* irmanados pela decomposição da matéria, não podiam ser vistos sem nâusea por êsses olhos apenas afeitos a purezas ideais que o mundo jàmais possuiu.

Ah! que se Murillo voltasse à vida, e visse o que está passando na sua pátria, ter-se-ia transformado num Goya, ultrapassando-o até nas suas visões terrificantes, teria achado verdade nos quadros de mestre Valdés que tanto o afligiam, ter-se-ia habituado ao ambiente de barbaridades que a sua alma não sabia compreender... ou teria de ir ocultar-se outra vez na sepultura.

Mas não calculasse que, ao menos, ali, estaria sossegado, porque os bárbaros de hoje nem as sepulturas respeitam!

Pobre Espanha! Quando poderei voltar a vêr-te debruçada languidamente sôbre o teu Guadalquivir, mordendo, tal como outrora, um cravo rubro que se confundia com a tua boca vermelha?

E quem sabe se ainda te reconhecerei?

Gomes Monteiro.

A Coluna Milagrosa da Catedral de Santiago de Compostela

A arte de deitar as cartas

Em pleno século XX ainda hà quem se preocupe com a arte de deitar cartas, atribuíndo-lhe tão extraordinária virtude que, por ela, podem ser advinhados os caprichos do futuro!

Essa tendência para o maravilhoso, constitui uma espécie de doença para a maior parte da humanidade que julga ter num simples baralho o livro infalivel de tôdas as profecias.

E hà pessoas cultas que acreditam tão profundamente no alto poder da cartomância, que apresentam as mais célebres personagens como percursoras desta habilidade com foros de ciência oculta.

Napoleão Bonaparte costumava consultar freqüentemente a famosa cartomante M.elle Lenormand que, apesar da sua avançada idade, não tinha mãos a medir para atender as mais altas personalidades que brilhavam nas ciências, nas artes e até na magistratura!

E, seguindo estes eloqüentes exemplos, muita gente de hoje consultas as cartas com tal segurança como qualquer cabo de guerra que consultasse a carta geográfica duma região, na intenção de a invadir e dominar!

Ora, guiando-se Napoleão por tão infalivel oráculo, é de extranhar que êste o não tivesse prevenido do desastre da Rússia, dos desaires sofridos em Portugal, e da derrota que lhe foi aplicada em Waterloo.

E' de extranhar tambem que a imperatriz Josefina, seguindo o mesmo processo para sondar o futuro, não se tivesse acautelado contra o divórcio que o marido lhe impôs para a colocar de parte como um objecto inutil.

No entanto, os fervorosos defensores da cartomância expõem assim a sua maneira de pensar:

"O presente é a incerteza do futuro, é a imagem invisível e fugidia do instante que vôa com uma rapidez que ninguém poderá deter, que se escôa lentamente para o desgraçado e passsa como um relâmpago para aquele que encontrou alguma alegria sôbre a terra.

"O passado é um montão de destroços de qualquer existência ilustre ou obscura.

"Está para a recordação de um sonho lindo ou um pesadelo horrível estão para o despertar.

"O futuro é uma imensidade sem horisonte, um oceano enorme e misterioso, do qual só a morte nos deixa vislumbrar a margem, um campo vastíssimo que se desenrola aos nossos olhos cheios de ilusões e de projectos insensatos.

"Portanto, a leitura ou a interpretação dos hieroglifos egípcios era indispensável. Conseguiu-se ao cabo de muitos estudos, mas conseguiu-se!„

Apareceram as cartas de jogar em fins do século XV, constituindo uma imitação dos rectângulos qüadriculados do livro Thot, de que os feiticeiros egípcios, iniciados nos mistérios de Isis e Osiris, se serviam para predizer o futuro.

Os defensores da cortomância salientam que êstes feiticeiros eram verdadeiros sábios duma época e dum país onde as ciências e as artes atingiam fases de prodígio de que êste nosso adiantado século das luzes se encontra ainda afastado.

E, então, os cartomantes contentam-se em afirmar aos seus detractores que embora considerem esta *ciência* uma *arte nova*, isso nada provará contra a sua importância e a sua infalibidade.

Pois não vêmos a cada instante surgir novas maravilhas ante os nossos olhos mortais? Franklin encontrou o meio de comandar o fogo do ceu, enquanto Lavater descobria a arte de conhecer os homens pela fisionomia. Não se assombrem... Dos esforços formidaveis de Gall e de Spurtzheim nasceu a admiravel ciência da frenelogia.

Já não constitui segredo para ninguém a existência da dupla vista devida ao magnetismo animal, e da qual são dotados todos os sonâmbulos.

Não pretendemos negar o avanço da ciência, quer no campo hipnótico ou telepático, quer no sistema frenelógico de sondar os cérebros, nem pôr em dúvida as teorias apresentadas por dezenas de sábios ilustres, visto que assentam em bases lógicas e concretas.

Mas daí a acreditar piamente numa mulher que deita cartas, baralhando-as prèviamente como se fôsse para uma partida de *bridge*, isso não!

Vejamos a significação dos naipes: copas e paus são, ordináriamente, de bom augúrio, e predizem a felicidade; oiros e espadas são de mau augúrio e anunciam desgraça; as figuras de copas e oiros indicam pessôas com cabelos loiros ou ligeiramente castanhos; as figuras de espadas e de paus denunciam pessôas morenas de cabelos castanhos.

E vai a mulher de virtude segreda à ingénua que a consulta, deitando as cartas sôbre a mesa:

— Cá está... Rei de Copas... é um homem rico que pretende fazer a sua felicidade... não hesite... Temos mais... Sete de Copas... muito bem... casamento próximo... Ah!... mas aparece agora a Dama de Espadas... mau sinal... trata-se duma mulher que procurará arrebatar-lhe o marido... Nove de Espadas... horror... Morte...

A jovem vai para casa, pensativa, e não tarda a encontrar-se com o noivo e a dar-lhe conhecimento das secretas apreensões que a afligem. O noivo ri da crendice e aconselha-lhe juizo... e cabeça frêsca. Vem o casamento... O tal homem, indicado pelo Rei de Copas... Logo, a mulher de virtude tinha razão. A vida vai correndo. Aparecem os primeiros ciumes criados pela tal Dama de Espadas... E a pobre senhora sente confranger-lhe a alma.

E se ela própria deitasse as cartas, usando o mesmo processo que a bruxa lhe indicou? Vai buscar um baralho e estende-o sôbre a mesa, mas as cartas nada dizem com nexo e clareza. Talvez lhe falte a prática... Volta a visitar a megera que lhe vai roubando as ilusões e o dinheiro... A mesma cantilena de sempre que quási sempre se ajusta a tôdas as pessoas e que, portanto, não pode andar muito longe da verdade.

Eis a arte de deitar as cartas!

O GRITO DO PASSADO

QUANDO menos pensamos e mais desejamos fazer vida nova, chega aos nossos ouvidos o grito do passado, o seu chamado imperioso, para que o não esqueçamos.

E o certo é que somos muitas vezes ingratos para os tempos idos, porque nos trouxeram desgraça e nos deram lágrimas, pesadas como gotas de chumbo derretido no fogo de calamitosas brazeiras.

Não queremos, a par de tanta mágua, lembrar-nos de que por essa quadra que findou passaram, também, muitos júbilos e glória.

Mas o passado não perdoa o nosso esquecimento, e vem bater-nos à lembrança, trazendo-nos motivos fortes para que o recordemos.

E temos de atravessar o campo raso de nossas desditas, onde tôdas as ilusões secaram ao sol ardente da maldade e da desventura, para ir ao jardim da saudade colher uma flor e aspirá-la com delícia, porque conserva ainda o perfume de momentos felizes.

■

A morte recente de Juliette Adam, viuva do grande escritor Paul Adam e ela própria mulher de letras de alto valor, obriga-me a voltar a cabeça e olhar êsse caminho percorrido, juncado de prantos e sorrisos, que foi a minha grande aventura em terras estrangeiras.

Vivia ainda êsse bom português, cicerone infatigável de todos os compatriotas arribados ao solo francês, que se chamou Xavier de Carvalho.

E tão português, tão agarrado ao seu sotaque do Porto, que após vinte e tal anos de constante prática com franceses e casado com uma parisiense, tinha uma pronúncia detestável, ao exprimir-se na língua de Molière, que aliás falava correntemente.

Tempos ditosos, em que pelos boulevards animados eu topava com Magalhães Lima, António José de Almeida e Aquilino Ribeiro, que me enchiam de atenções e me alegravam com a sua palestra espirituosa e amiga.

■

Logo que cheguei a Paris, comecei sendo solicitada para cantar nos grandes salões da aristocracia internacional, a par e passo que assinava contratos para exibir-me nos principais palcos da Europa.

Juliette Adam quiz ser a minha amável introdutora, na roda de escritores jornalistas e artistas de nomeada, que formavam a sua escolta de honra, e pediu ao bom Xavier para me levar a sua casa, templo de arte e bom gosto, perto de Paris, da Abadia de Gif.

A festa era dada em favor das vítimas duma catástrofe em Portugal, sob o patronato espiritual da Rainha D. Maria Amélia, de quem Julliete Adam era muito amiga.

Durante o tempo que conversámos juntas, ela não cessou de interessar-se por tudo que dizia respeito à nossa terra, pelos nossos homens de letras, pelas nossas artes, recordando com imensa saudade a sua visita ao nosso país. Dada a sua simpatia por Portugal, eu fui como uma menina nas mãos das bruxas, como diz o povo, acarinhada por todos os convidados e aplaudidíssima nos fados à guitarra, que pela primeira vez foram ouvidos pelos maiores intelectuais de França.

Juliette Adam fez-se fotografar comigo e com a filha de Henri Rochefort, fotografia que foi publicada numa revista estrangeira, e que eu não tenho, com grande pena minha.

Devi a essa festa um belo artigo, sôbre a minha arte e sôbre Portugal, a René Lara, no Figaro.

Foi depois do convite de Juliette Adam que tive a glória, a poucos artistas permitida, de cantar em casa da família imperial russa, ao lado de Chaliapine, o famoso baixo, então em plena celebridade.

■

Há dois espectáculos que nunca poderei esquecer, e nada poderá maravilhar mais a minha admiração, viva eu o que viver.

O primeiro foi a parada de talentos e nomes mundiais que acotovelei, nos salões de Juliette Adam, a par da maior nobreza internacional, que ela recebia com requintes de altíssima dama, e deslumbrava com a beleza feérica das suas salas e jardins.

O outro, de uma sumptuosidade em que se irmanavam o belo e o horrível, foi o desfilar das tropas alemãs, pelo "boulevard Leopold„ de Bruxelas, a 20 de Agosto de 1914, quando os soldados do Kaiser entraram na capital da Bélgica em direcção a Mons.

■

Parece-me que sôbre Juliette Adam não devo pronunciar-me, senão nesta evocação pessoal e pitoresca, pois que quem melhor sabe fazê-lo já disse de seus talentos e suas obras.

No meio da barafunda de pezares e alegrias que ilustram a minha vida, Juliette Adam marcou um ponto branco de paz.

Morreu centenária. E como um médico belga me disse, ao examinar-me, que eu tinha uma construção para viver cem anos, ainda me fica muito para contar...

Mercedes Blasco.

NA VASTIDÃO ATLANTICA

DA MADEIRA A CABO VERDE

Cascata do rio do Ouro em S. Tomé

Dia 18.

A's 7 horas, André, o criado galego, traz-nos o chocolate, e anuncia que estamos á vista das Canárias. Mas só ás 9, saíndo do pequeno almoço, ao entrar no "spardeck», damos com a ilha de Gomera, a estibordo.

Parece, a princípio, um grande penhascal estéril e nú, pincelado de azul e rosa. Mas, avizinhando-nos, começam a distinguir-se manchas verdes. Pequenos vales descem até o mar. Nenhum povoado, porém, se alcança. Duas casas perdidas sobre as arribas, depois um farolim; a seguir uma calhêta. Até que, no prolongamento dum vale, surge uma aldeia sôbre a qual esvoaçam ramarias.

A montanha cobre-se agora de arbustos e plantas rasteiras.

Nas arribas vêem-se assentadas de rocha, ordenadas numa horizontalidade perfeita. Tem dôces ondulações a montanha, e assim como as arribas me lembram Parede, onde resido, a foz do Tejo, faz-me ela evocar Mortágua, onde nasci, os contrafortes schistosos boleados do Caramulo.

Aqui e além, rocais afloram abruptamente, num *memento* ígneo.

Sucedem-se angras e povoados...

Passando a bombordo, bem mais afastada do que Gomera, avista-se a ilha de Tenerife.

Surpreende a elevação gigantesca do Pico de Teyde (3.710 metros). Só a ele fixa o nosso olhar; esquece-se tudo o mais. Depois é que se vão distinguindo as ondulações que, em planos sucessivos, ascendem. No seu sopé estende-se uma faixa de nuvens; e acima e abaixo o sol esplende. Impossivel no entanto distinguir especies vegetais; só massas profundas de arvoredo se revelam.

O Pico não dá a impressão convulsiva; é cheio de suavidade — como uma mama núbil. Dêle descem torrentes de alvura, como de leite que se derrame. E' a neve?

Para sul ha ainda uma crispação vulcânica; depois o terreno desce lentamente, e, formando pequenas ressacas de lava, a onda montuosa espraia-se até o mar.

A' flôr das aguas um monstro marinho ergue uma vaga que em breve some a sua franja branca no azul ferrete do abismo...

São 12 e 1/2. O navio mudou de rumo. Iamos em direitura a S. Tomé.

O comandante passa no tombadilho:

— O que ha? — preguntam-lhe.

— O navio toca em S. Tiago.

■

Encontro a inglesa que correu as sete partidas do mundo. Quantas vezes atravessou o Atlântico! E nem o frio circumpolar nem a calidez dos trópicos a crestaram... Que frescura de corpo e de espirito!

Desço á sala de música. Acabou o *jazz*, Montalvão está ao piano.

Esparsas, como rosas duma grinalda quebrada, senhoras gentilíssimas. Quatro de cabelos cortados, soltos em girasol, cinco de cabelos compridos. Não vence aqui a *garçonne*... Só uma é morena. Ha uns olhos que flamejam, e outros, muito azuis, que sonham.

Homens entristecidos, de meia idade, desses que levam a família pesando no coração. E ha moços... Mas êsses nem olham para as mulheres; estão sorrindo como quem sorri para uma quiméra, lá muito ao longe, que só hão de alcançar quando a sua cabeça se encher de cans. A esperança que em cinzas se volve, apenas se lhe toca!...

Termina um Chopin. Sentem-se as almas confundidas, naufragas, afogadas na melodia...

Liberto-me, saíndo do *spardeck*. O Bispo conversa com Vénus de Milo, a quem decerto um milagre restituiu os braços — e que lindos braços! — vestida a primôr e com um boné bretão...

Tipos indígenas da Ilha de S. Tiago em Cabo Verde

Mas onde desencantou o senhor Bispo esta mulher, meu Deus?!

Vénus surgiu das ondas?

«Ah doudo pescador, que desvarios
Me deixo aqui dizer e a quem os digo?
A surdas ondas e a ventos frios.
Cresceram elas, corre o barco perigo,
Ei-lo duma, ei-lo doutra combatido...»

Como se perde a cabeça! Mas são fantasias de Bernardes...

Seguro, o *Niassa* avança a doze milhas por hora, a temperatura, no pino do inverno é de vinte graus, deliciosa, e, — compassivo Neptuno! — o mar é um lago, manso, dolente e brando...

Escrevo no meu caderno de apontamentos: o problema de S. Tiago — o mistério da côr da pele — a mulher de fogo — o enigma da agulha — o frasquinho de sais ingleses. Tudo isto tem um sentido. Um sentido de bordo... Mas mais tarde não o adivinharei na neblina da distância.

Continuo a lêr Diogo Bernardes... A' volta, é uma conversa pegada.

E a mulher dos olhos chamejantes propõe.

— Qual o momento mais delicioso do amor?

Atropeladamente acodem respostas, objecções:

— O momento mais delicioso do amor é o inicial *frisson*, vêr e amar-te!

— E' quando se triunfa da timidez e se lança a primeira frase desastrada, ridícula e sublime...

— Ah! Os primeiros arrulhos!

— E os primeiros amuos! Como é dôce a reconciliação! As lágrimas mudam em estrêlas os olhos da mulher amada...

— Prefiro, mudados em brazas, os olhos dos homens. E' tão divertido!

— Não se brinca com o fogo, minha senhora!

— A posse é o momento supremo...

— Como? A *ouverture* wagneriana brutal!...

O navio balouça. O diálogo é agora um lento *smorzando*...

E alguem, que até então estivera só olhando o mar:

— O momento augusto do amor é aquêle em que, certa hora, um e outro simultaneamente, pela primeira vez nos encontramos recordando: — "Naquele dia...» E todo o passado é uma ressurreição... Depois... (e a sua voz é um murmúrio...) "A luz dos teus olhos! Dá-me as tuas mãos! Dá-me a tua boca!»

A quem se dirige esta mulher, cuja beleza realçam as primeiras rugas?

Só eu a ouvi, de certo... Fica num silencio de êxtasis. Esse silêncio envolve-me, religiosamente.

E é já longe de nós que, de novo, a conversa tumultua...

■

Dia 19.

A' noite, o cinematógrafo. Um drama na Córsega...

Que encanto o da paisagem! E todo o drama se apaga... Tudo se funde na floresta, na montanha, no ar e nas águas. E ao sol flamejante e ao luar dormente, serranias e planícies, cabos e golfos, portos e povoados, tudo se transfigura. O espectáculo bruxo de graça, de esplendor e de beleza! Quadros, perspectivas, cambiantes, assombros de expressão da terra bruta, panoramas inverosímeis de bárbara magia!

A Córsega não encanta só os olhos, toma todos os sentidos. E um sabor ácre e penetrante embriaga nesta paisagem de amor e de *vendetta*. Terra de Africa com o coração da Europa, feita de contrastes, de violência e de doçura, impregnada de paixão e de batalha.

É a misteriosa atracção das ilhas — solo prisioneiro que até as vagas oprimem, e se concentra febril, vibrante, em ansiada ascensão? Contemplando-as, a vida condensa-se, e atingem as coisas, os sêres, as formas e as côres, tão inaudito vigôr, tão estranho relêvo, que vão dentro de nós, imperecíveis em nossas pupilas, ao desafio da morte!

O *filme* terminou ha muito... Acordo ao marulho das ondas, só, na minha cadeira de verga. E, só, percorro ainda o *spardeck* no monótono giro de bombordo a estibordo.

A lestada varre com seu sôpro poderoso a face do mar. A noite resfria, a imaginação devorante acalma. Desço ao beliche.

E ainda a ilha singular me aparece como um dôce refúgio... Cerrando os olhos, a Córsega revive no inquieto *écran* da fantasia e do sonho...

Das altas montanhas precipita-se, fraguante, a floresta.

O mato rescendente — a murta, o medronheiro, o lentisco, a urze e a estêva — alastra nas colinas, vestindo a rocha, cobrindo as fontes.

O castanheiro derrama-se, sagrando a terra.

A faia, o carvalho, o sôbro, o pinheiro, o larício, estremecem pelas gargantas das serranias, do Cinto á Incudina.

Paglia-Orba! Concentram a sua bravesa furiosa os escalões montanhosos como num mar tormentoso. As torrentes atroam. Mas abrem-se os grandiosos vales, descendo amorosamente ao Mediterrâneo, que nas arribas e nas praias suplica e ruge.

As maravilhas dos golfos — Calvi, Galeria, Porto, Santa Manza e Valinco! E nas solidões do sul — Porto-Vechio e Bonifácio, como um rasgão de febre...

Subindo das melancólicas planícies em que os rios se retardam por meandros, as estradas queimadas de sol. Prados, searas, vinhas, olivedos, nogueirais. Laranjeiras, figueiras, amendoeiras á volta dos povoados. Tabaibos, agaves, e aloes, valando. E as sebes floridas!

Os rebanhos lançam na ardente bucólica uma dôce calma pastoril...

De cabo a cabo e de cumiada a cumiada, terraços dominando a planura e o mar, anfiteatros majestosos, surpreendentes belvederes, varandas ridentes, rústicas aldeias, medievais cidadelas, imprevistos jardins.

De S. Pietro a paisagem corre até Cabo Corso como uma vaga irisada...

Nonza, Pino, Porticciolo, Pietranera, Bastia, Cervione, Morosaglia, Corte, Piana, Evisa, Ascó, Zigliara, Olmeto, Saterne!...

Passando as Sanguinarias, o golgo de Ajaccio insinua-se na costa agreste, fundindo o azul das águas e a verdura do arvoredo. E, sob o fulgor do Monte de Oiro, a branca cidade cinge-se de pinhais e olivêdos!

No último plano passa a sombra do *Petit Caporal*...

Dia 20.

Meio dia. Montalvão entra na sala de leitura dizendo que o arquipélago está á vista.

De facto, através das baleeiras, distingue-se uma ilha, a bombordo. Primeiro, um cone emergindo das águas; depois a linha montuosa desenvolve-se, ondula, sobe...

Em terras africanas

Céu nublado, pardacento. Dizem-me que é sempre assim até S. Tomé.

Para sueste vê-se mais uma mancha de terra. E' outra ilha?

E, caíndo para o sul um canal? Outros picos além. Mas em breve se vê que não ha canal nenhum. Tudo é a ilha do Sal, cuja última elevação se quebra sobre o Oceano.

O porto de Calvi na Córsega

— As ilhas da Desolação — clama-se.

Sem dúvida a primeira impressão é a da tristeza dos montes nús.

E a tradição das fomes de Cabo Verde paira. Não se escapa ao pesadêlo — a população esquelética, os trágicos escalvados, os valagões ressequidos, os pântanos pestíferos e as febres consumidoras...

Os da terceira classe, á prôa, juntam-se no convés, para fotografar-se. Bastou a convivência de alguns dias para ficarem amigos, e todos querem levar uma recordação. Raros hão de tornar a vêr-se. Cada um irá ao seu vale de lágrimas...

A guitarra geme:

A minha casa é pequena,
Dança-lhe o vento de roda,
Entra nas frinchas e corre
Os cantos da casa toda.

Esta boa gente portuguesa!

Dia 21.

O almôço é hoje muito conversado; até o comandante que, de ordinário, se limita a sorrir, exprime o seu pensamento. D. Rafael que costuma falar pausadamente de cousas triviais, embrenha-se comigo numa longa palestra.

Quando finda o almôço, o senhor Bispo e eu continuamos no tombadilho... E só acabamos a divagação semi-teológica, semi-filosófica, á hora do jantar!

Toda a primeira classe está escandalizada. E, de lado a lado — os da sua banda e os da minha.

Mas com êste ar vivo e a graça de Deus não nos falta o apetite!

O último jantar a bordo... E é triste; por assim dizer, saudoso.

Noite fechada. O navio aproxima-se da ilha de S. Tiago. Rompe o luar. São mais de 9 horas quando o navio pára.

Estamos em frente da Praia. Aprontamo-nos para saír.

Todos os companheiros de viagem se despedem de nós. O sr. Bispo abraça-me.

Lopes d'Oliveira.

LIVRARIAS DO BRASIL

Dr. José de Freitas Bastos, a quem se deve a existência da grande livraria. Na sua expressão agradável, simpática e atraente, nota-se uma firmeza inquebrantável, plena de acção e grandeza

Um aspecto do exterior da grande Livraria Freitas Bastos mostrando a sua enorme extensão, o fino gôsto e a elegância das grandes capitais europeias. Com uma tal aparência, tôdas as pessoas que ali passem, mesmo sem a intenção de comprar qualquer livro, são forçadas a parar diante das montras vistosas em que se patenteiam as mais sensacionais novidades literárias do mundo inteiro. — Em baixo: *o movimento da livraria, e um pormenor da exposição das suas vitrinas*

A importância do Rio de Janeiro — uma das grandes capitais do Mundo — pode ser avaliada pela ampla cultura do seu povo. A expansão da Livraria Freitas Bastos com as suas montras vistosas e atraentes e o carinhoso acolhimento que o público lhe dispensa provam bem o alto grau de instrução que o povo brasileiro manifesta. E, no entanto, repare-se que o Rio de Janeiro tem grandes livrarias, entre as quais a Livraria Francisco Alves que tão belas e gloriosas tradições ostenta e que é a maior entre as maiores.

Nem mesmo podia deixar de ser assim em face de tão numerosa quão exigente população. Há, pois, muitas livrarias na grande capital brasileira.

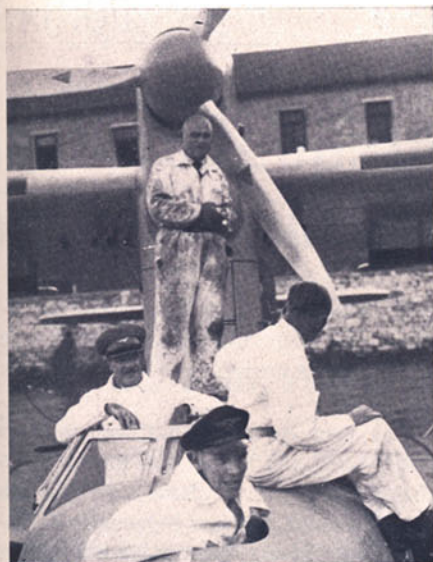
Isto poderia fazer vacilar um espírito que não tivesse a tenacidade do Dr. Freitas Bastos, e receasse a natural concorrência.

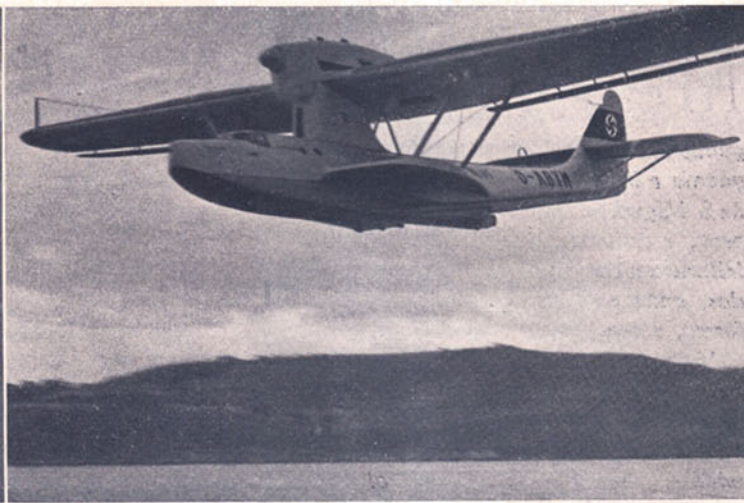
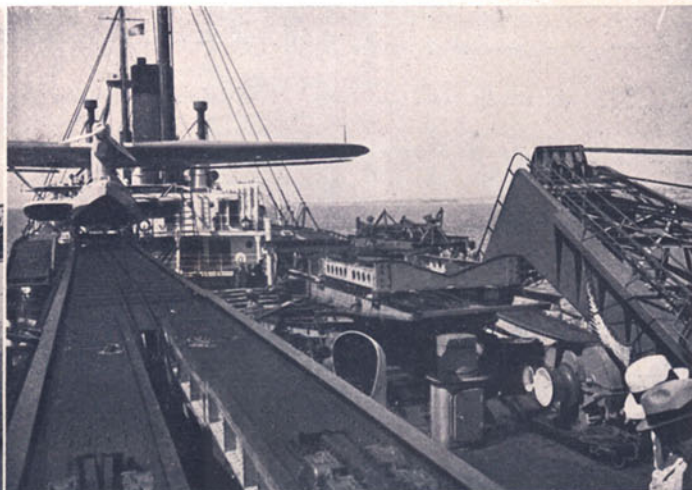
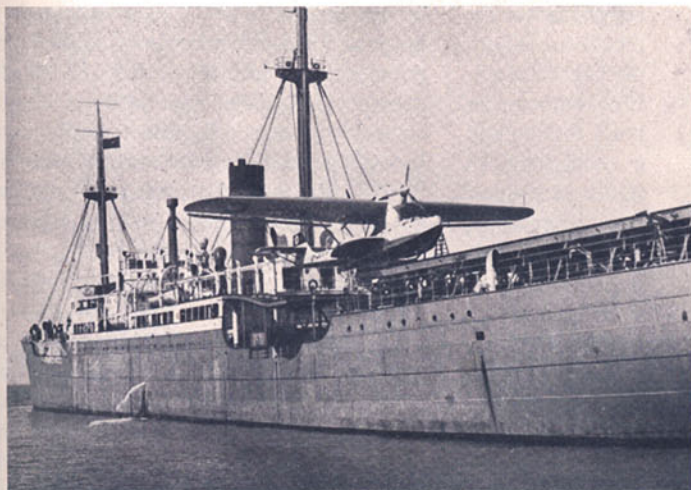
Um livreiro do século XVI, se voltasse ao mundo, poderia considerar temerária a emprêsa de expandir uma livraria numa cidade onde abundassem êstes estabelecimentos.

Mas, a pensar assim, a vida paralizaria. Os modernos astrónomos, por exemplo, nada fariam para aperfeiçoamento dos seus cálculos, visto Galileu ter feito tudo o que havia a fazer com descoberta já tri-centenária do seu telescópio.

O mundo pararia, quando o próprio Galileu afirmou a grande verdade: *E pur, si muove!*

Assim, o Dr. José de Freitas Bastos, expandiu êsse modelar estabelecimento que, exaltando a sua iniciativa, honra também a grande cidade que o possui.

A ligação da Europa com a América do Norte

As distâncias encurtam-se cada vez mais. O barco--catapulta "Schwabenland" chegado, há dias, a Lisboa, trouxe os dois hidro-aviões que foram lançados na travessia do Atlântico Norte. Em cima vemos o major-aviador Alfredo Sintra e o piloto Von Engel, momentos antes da partida.

O "Aeolus", após ser catapultado, descreve uma graciosa curva para descer novamente, e retomar então o vôo a que as suas asas potentes lhe dão direito. Que mais terá o homem para inventar. A prodigiosa volta ao mundo ideada por Júlio Verne faria hoje sorrir o mais ignorante condutor de carroças.

O major Alfredo Sintra e o piloto Von Engel dirigindo-se num barco para bordo do hidro-avião que os aguarda para o grande vôo de ligação dos dois continentes. Acabaram-se as distâncias. — A' direita, vemos o "Aeolus" tomando o rumo dos Açores com a arrogância portentosa de uma águia que confia plenamente na resistência do seu arcaboiço. Dentro em pouco regressará, trazendo no seu seio notícias de longe, para voltar depois à sua faina.

O "Schwabenland" com a sua catapulta, vendo-se sôbre ela o hidro-avião "Zephis" que não tardará a tomar vôo. — A' direita, vê-se a poderosa catapulta que, parecendo um anacronismo, é hoje o mais moderno processo do século XX. Dando largas à sua imaginação o homem tudo tem conquistado num aperfeiçoamento sempre crescente e assombroso. Que mais terá o homem para idear neste crescendo de progresso e de constantes aperfeiçoamentos?

NAS FORJAS DO PENSAMENTO

COMO ESCREVIAM CAMILO E EÇA

A facilidade genial de um e a dificuldade talentosa do outro

Camilo Castelo Branco, por Cristiano de Carvalho

M*UITAS vezes tem sido tentado o confronto entre Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, chegando se sempre á conclusão de que, enquanto o inexcedível prosador dos* Serões de S. Miguel de Seide *escrevia ao correr da pena, o estilista primoroso de* Os Maias *triturava a sua prosa em mil e uma emendas, antes e depois de posta em letra de fôrma, e nem sempre para melhor.*

No entanto, ainda aparece quem, na melhor boa fé, pretenda afirmar que Camilo nem sempre escreveu currente calamo, *baseando-se nas notas a lápis que o formidável escritor traçava habitualmente nas margens dos livros que ia lendo.*

Num dos últimos números da "Ilustração», o sr. dr. Lopes d'Oliveira publicou um interessantíssimo artigo sôbre êste assunto — e dizemos interessantíssimo, não só pela sugestiva prosa em que era urdido, como pelos magníficos documentos que apresentava. Todavia, a nossa convicção ficou de pé. Os documentos apresentados continuam a fortalecer a prova da facilidade com que Camilo escrevia, visto que muitas dessas notas escritas sobre o joelho, sem a mais leve preocupação literária, apareceram depois intercaladas em artigos, sem alteração duma vírgula. Tal como Pilatos (embora redigisse muito melhor do que êle) o colosso de Seide seguia a norma do quod scripsi, scripsi.

Outro tanto não podemos dizer de Eça de Queiroz que nunca estava satisfeito com o que escrevia. Trinta vezes fôssem parar-lhe ás mãos as provas de qualquer trabalho seu, que trinta vezes as alterava, emendando e reemendando, substituindo períodos inteiros, e virando do avêsso uma ou outra oração por mais comprida que fôsse. No documento que publicamos vemos o estado em que Eça de Queiroz deixou uma prova de Os Maias, *isto sem contar com as alterações sofridas no original antes de dar entrada na tipografia.*

Eça de Queiroz escrevera:

— Que embaraçadela, heim! — balbuciou Villaça.

Mas Ega agora, passada a emoção, arrependia-se de não o terem mandado subir, e alli mesmo, sem mais vacillações, sem mais pieguices, como homem fallando a um homem, terem-lhe contado tudo.

E estava acabado, estava passado o barranco. Foi uma tolice. Mas pozera o chapéo, n'uma impaciencia d'abalar, receando que Carlos voltasse, lhes surgisse de repente no meio do escriptorio. De resto nada mais tinham alli a cochichar. Era inutil examinar os outros papeis, pallidos e inuteis depois d'aquella clara confissão da Monforte. Só restava que Villaça apparecesse á noite no Ramalhete para contar tudo...

Fragmento do original do «Amor de Perdição»

— Mas o amigo ha de lá estar! exclamou logo o procurador. O amigo é que sabe! Foi comsigo que o Guimarães fallou...

Ega prometteu estar no Ramalhete ás oito da noite. O Villaça deu um pequeno suspiro, já no terror d'esse momento, em que elle devia affrontar o primeiro desespero de Carlos. Veio até ao patamar, acompanhar o Ega com um ar aniquiquilado.

— Uma d'estas, uma d'estas! E eu ainda tão contente, a jantar no Ramalhete...

— E eu com elles na rua de S. Francisco! E' um horror!

— Valha-nos Deus. Emfim, até á noite sem falta.

— Lá estou. Até á noite.

N'esse dia, porém, não se atreveu a jantar no Ramalhete, defronte de Carlos, sentindo aquella desgraça pairar sobre o pobre rapaz, todo cheio de felicidade, de planos alegres... Foi comer a dieta do marquez, que se conservava em casa com a garganta entrapada, encafuado num gabão. Quando calculou que o Villaça devia estar já no Ramalhete, deixou o marquez enfronhado nas damas com o capellão, tomou uma tipoia, partio. E rodando pelo Aterro a sua unica impressão era de sentir "colicas», como em Coimbra nas vesperas d'acto. A' porta do Ramalhete saltou do calhambeque tão atarantado que não se entendia com o troco para pagar ao cocheiro. E subiu primeiro ao seu quarto, levando uma eternidade a lavar as mãos, a mudar de sapatos. A sua esperança era que a essa hora já Villaça tivesse fallado. Mas quando desceu, veio encontrar Carlos no bilhar, assobiando, batendo tranquillamente carambolas solitarias, e n'um sophá o procurador olhava, esfregando as mãos nos joelhos com um ar infinitamente estupido.

— Então tu não foste para Cintra? gritou Carlos.

Diabo! Tinha-se esquecido de Cintra, das suas invenções da manhã. E balbuciou uma historia. Não encontrara o Taveira. Depois fôra vêr o marquez, coitado, que estava com uma angina, e o forçara a partilhar um caldo de gallinha.

— Bem, então faz-te sociavel agora... Empunha o taco.

Mas Ega não estava para jogar, estirado já no sophá.

Depois de emendada, a prova ficou assim:

Ega arrependia-se de não terem mandado subir Carlos — e alli mesmo, sem outras vacillações nem pieguices, fallando corajosamente, contarem-lhe tudo, diante d'aquelles papeis bem abertos. E estava saltado o barranco!

— Homem — dizia o Villaça passando o lenço pela testa — as cousas querem-se devagar, com methodo. E' necessário preparar-se a gente, respirar para dar bem o mergulho...

Em todo o caso, concluiu o Ega, eram ociosas mais conversas. Os outros papeis da caixa perdiam o interesse depois d'aquella clara confissão da Monforte. Só restava que Villaça apparecesse á noite no Ramalhete ás oito e meia, ou nove horas, antes do Carlos sahir para a rua de S. Francisco.

— Mas o amigo ha de lá estar! — exclamou o procurador, já assustado.

Ega prometteu. Villaça teve um pequeno suspiro. Depois, no patamar, onde viera acompanhar o outro:

— Uma d'estas, uma d'estas!... E eu ainda tão contente, a jantar no Ramalhete...

— E eu, com ellas, na rua de S. Francisco!...

— Emfim, até á noite!

— Até á noite.

Ega não se atreveu n'esse dia a voltar ao Ramalhete, a jantar deante de Carlos, a vêr-lhe a alegria e a paz e sentir aquella negra desgraça que descia sobre elle á maneira que a noite descia. Foi pedir as sopas ao marquez, que desde o sarau se conservava em casa, de garganta entrapada, encafuado no gabão. Depois, ás oito e meia, quando calculou que Villaça devia estar já no Ramalhete, deixou o marquez que se enfronhara com o capellão n'uma partida de damas.

Aquelle lindo dia, toldado de tarde, findara n'uma chuvinha miuda que transia as ruas. Ega tomou uma tipoia. E parava no Ramalhete, já atarantado quando avistou Villaça no portal, de guarda-chuva sob o braço, arregaçando as calças para sahir.

Eça de Queiroz, por Roberto Nobre

Como se vê, Eça de Queiroz não tratou de emendar, mas de escrever de novo.

Mas ainda não ficou por aqui. Na prova seguinte fez novas alterações como se pode verificar em qualquer edição de Os Maias.

Quando é que Camilo fez isto?

Em todos os originais que encontramos do glorioso Mestre não encontramos qualquer alteração digna de registo. As próprias emendas, pouquíssimas, nada modificavam o primitivo sentido.

Camilo escrevia assim. A prosa corria-lhe dos bicos da pena com uma facilidade prodigiosa, sem o recurso de sugestões alheias, nem a muleta de imitações censuráveis. Depois de traçada no papel com a sua letra caligráfica, ali ficava indelével como se tivesse sido gravada em cristal pela aresta dum diamante.

O que o Mestre escreveu, escreveu.

A confrontar com a prova de Eça, reproduzimos um original de Camilo que vem confirmar plenamente o que afirma-mos.

Escolhemos um dos mais emendados autógrafos do "Amor de perdição» para mais lealmente ser estabelecido o confronto com a maneira torturada como o sempre insatisfeito Eça de Queiroz escrevia e emendava.

Verifica-se que as provas tipográficas emendadas por Camilo não sofriam alteração, nem mesmo quando duma nova edição melhorada e revista *se tratava.*

Ao ser reeditado o "Amor de perdição», Camilo confessa no prefácio que "nos quinze atormentados dias *em que escreveu a obra, lhe faleceu o vagar e a contensão que requer o acepilhar e brunir períodos».*

E remata: "O que então não fiz, também agora o não faço, senão em pouquíssimo e muito de corrida. O livro agradou como está. Seria desacêrto e ingratidão demudar sensivelmente, quer na essência, quer na compostura, o que, tal qual é, foi bem recebido».

Em face disto, o que haverá ainda a objectar?

Enquanto o autor da Relíquia *seguia com talento o sistema da saudosa Penélope, que destecia de noite o que tecera de dia, o gigante da* Boémia do Espírito, *infalível e omnipotente, o que escreveu, escreveu.*

Uma prova de «Os Maias» emendada pelo autor

Os Jogos Olímpicos

Os alemães construíram o maior parque desportivo do Mundo

Vista do Parque compreendendo o Estádio e a Piscina

HÁ um mês que, numa cerimónia apoteótica, foram encerrados em Berlim os Jogos da XI Olimpíada, decorridos num ambiente de entusiasmo e organizados de maneira tão perfeita que deixaram, na memória de quantos a êles assistiram, recordação indelével.

Muito se tem escrito a seu propósito, os resultados e pormenores das competições foram comentados nos diários e jornais da especialidade, mas há ainda determinados aspectos por focar, e não dos menos interessantes.

A um dêsses vamos consagrar a crónica desta quinzena, acompanhando-a dalgumas fotografias inéditas em Portugal mas que nos parecem dignas do conhecimento público.

O comité alemão organizador dos Jogos, animado e apoiado pelo chanceler Hitler, agiu dentro da mais larga visão e construiu, para uma competição que se anunciava a mais valorosa de todos os tempos, instalações de grandiosidade e beleza condignas de lhe servir de cenário.

Pondo de lado tudo quanto existia na cidade, edificou de novo, em moldes modernos, um parque desportivo onde pela primeira vez no mundo se reuniu com arte e inteligência as construções, terrenos e anexos necessários à prática de tôdas as modalidades de desporto ao ar livre.

O Reichsportfeld, «Campo nacional de desportos», é uma autêntica maravilha que dignifica os seus autores e merece ser apontado como uma das maiores vitórias alcançadas pelos alemães nos, Jogos Olímpicos.

É curioso registar, para fazer uma ideia da actividade dos executores do plano, a indicação dalgumas datas: o «Führer» examinou em 5 de Outubro de 1933 o projecto inicial de transformação do antigo estádio e anexos; não lhe agradando a solução, determinou novo programa de construções, aprovando em 20 de Dezembro do mesmo ano o projecto da autoria de Werner March.

Os trabalhos começaram em Março de 1934 e no dia 1 de Maio de 1936 o Reichsportfeld estava concluido. Vamos tentar descrevê-lo aos nossos leitores.

O parque está instalado num planalto ao norte da floresta Grünewald e ocupa uma extensão aproximada a 132 héctares. As edificações foram agrupadas em três blocos essenciais; o primeiro compreende o Estádio, a piscina e as construções de entrada, o segundo as tribunas do Campo de Maio, a Tôrre do Sino e o anfiteatro, o terceiro consta da Casa dos Desportos, Academia de Educação Física e Lar dos Estudantes.

Entre a avenida principal de acesso e o terceiro bloco de edificações, sucedem-se o terreno para hockey e os campos de tenis e basket.

O acesso ao parque, para quem vem de Berlim, é feito por três grandes artérias, das quais nascem sete ruas que envolvem o recinto. Fora do limite de entrada, nos espaços limitados por estas diversas ruas, largos terrenos reservados à permanência de oito mil automóveis.

Além dos carros eléctricos e "autobus» que serviam o Parque, o transporte do público era facilitado por duas linhas de combóio eléctrico, podendo transportar respectivamente 40.000 e 36.000 pessoas por hora.

O espectador que entrasse no Parque Desportivo pela artéria principal encontrava na sua frente o Estádio Olímpico, apresentado pelo tôpo sul; torneando-o pelo lado oriental deparava-se-lhe a meio da fachada a piscina disposta perpendicularmente e, no tôpo oposto do edifício o terreno reservado ao jôgo do polo e baptisado Campo de Maio. Por detrás dêste ainda, no declive dum vale, o teatro ao ar livre.

Para alcançar o segundo grupo principal de construções era necessário virar à direita logo à entrada e percorrer algumas centenas de metros; sucessivamente passávamos pelo estádio do hockey, pelo terreno de ténnis, pelos doze campos de basket, para alcançar finalmente o edifício comum da Academia de Educação Física e da Casa dos Desportos, que era cercado por amplas superfícies relvadas, duas pistas privativas, uma pequena piscina e ainda as instalações do estádio eqüestre.

Traçado êste esboço geral, observemos agora separadamente os principais edifícios.

O estádio olímpico, cuja entrada a leste é formada por duas tôrres de 35 metros de altura, ladeados por 52 portais de acesso, tem capacidade para 100.000 espectadores.

Os lugares dividem-se por 71 bancadas sobrepostas, separadas a meia altura por uma galeria circular; abaixo da galeria as bancadas são em número de quarenta e escavadas em relação ao plano exterior, de forma que o campo fica 12 metros abaixo do nível do solo. A altura da edificação superior é de 16,5 metros.

O comprimento máximo, medido nos limites exteriores é de 320 metros e a largura, em idênticas condições, 225 metros.

O terreno do Campo de Maio, que serve de fundo ao edifício do Estádio tem uma superfície de 108.750 metros quadrados e está separado daquele por um muro com 420 metros de extensão, do qual se elevam a distâncias iguais, quatro tôrres de 35 metros de altura.

A Porta de Maratona, rasgada no tôpo oeste do Estádio e onde se encontrava a taça de pedra onde ardia o fogo olímpico, dá passagem directa para o Campo de Maio, cujas tribunas ficam fronteiriças, dominadas pela gigantesca tôrre do sino, erguendo-se a 76 metros do solo. A lotação máxima das bancadas é de 70.000 espectadores e no terreno central podem reunir-se, para qualquer desfile ou parada, nada menos de 210.000 pessoas.

O Estádio Náutico, visinho ao norte do Estádio Olímpico e orientado no prolongamento do respectivo eixo transverso tem aos lados do tanque duas bancadas com 7.300 lugares. Para efeito dos jogos construiu-se ao tôpo norte uma outra bancada de madeira, provisória com mais 9.200 lugares.

Os vestiários balneários, cantinas, etc., ficam instalados por baixo das bancadas.

A piscina é dividida em dois tanques; um destinado ás corridas, tem 50 metros por 20, o outro reservado aos saltos é quadrado, com 20 metros de lado, e tem no extremo a tôrre regulamentar com dez metros, construida em cimento armado.

Os tanques são forrados de azulejos verde claro, o que dá á água uma linda tonalidade esmeraldina. A água é filtrada, classificada e ligeiramente aquecida.

As instalações do Estádio Náutico ficam agora à disposição do público que venha descançar para os terrenos circundantes, nos quais existem ainda solários, uma piscina baixa e campos apropriados para a prática do atletismo e dos jogos ao ar livre. A Academia de Educação Física, construida com grandeza, segundo os planos mais modernos, comprende dois edificios paralelos reunidos numa das extremidades em forma de U; anexo ao corpo de ligação encontra-se a Casa do Desporto Alemão.

A imponente entrada para o Parque Olímpico

No espaço que separa as duas alas da Academia, existe uma piscina, e um espaço relvado para a prática de jogos e ginástica ao ar livre. Os telhados dos edificios são terraços reservados para solários.

As disposições interiores compreendem a mais moderna apetrechagem, havendo salas apropriadas para banhos de vapor, repouso e massagens, podendo abrigar mil pessoas.

Anexos à Academia, em construções típicas, seguem-se a Casa dos Estudantes onde ha dormitórios para 480 rapazes que frequentem a Escola, refeitório, salas de estudo e de reunião, casino, balneários, cozinha, etc.; o serviço clínico, munido de todo o material necessário para quaisquer trabalhos médicos; uma outra casa destinada ás raparigas e cuja lotação é de 52 pessoas.

Nos terrenos á volta, e para serviço da Academia, encontramos duas magnificas pistas com as mesmas dimensões da pista do Estádio, nove terrenos relvados para futebol e hand-ball, locais para o treino dos saltos e lançamentos, quatro campos de basket e oito de tennis.

A Casa do Desporto Alemão, onde foram instaladas todas as federações nacionais apresenta a forma duma ferradura, tendo no meio do arco uma grande sala circular, em cúpula, destinada a congressos e festas escolares.

Falta-nos referir as instalações menos grandiosas, como o Estádio de hokey, cujas bancadas podem conter 16.500 espectadores, o recinto do tennis, com 3.000 lugares, e que durante os jogos serviu para a realização das provas de esgrima, e, por último o imponente e encantador teatro ao ar livre, construido numa garganta natural no extremo nordeste do Reichsportfeld.

O palco fica no fundo do vale, apoiado á encosta coberta de pinheiros que forma um excelente pano de fundo ao cenário harmónico de instalação; no declive oposto estende-se o vasto anfiteatro podendo conter 20.000 espectadores, abrangendo um diâmetro de 165 metros e cuja bancada mais elevada fica 28 metros acima do nível do palco.

O aspecto do conjunto era de surpreendente beleza, e nele se organizaram diversos festivais de cunho artístico nos quais o espírito alemão triunfou uma vez mais, consagrando-se no conceito dos dois milhões de estrangeiros que os jogos Olímpicos atraíram a Berlim.

Salazar Carreira.

SUPERSTIÇÕES POPULARES

A trágica morte do moleiro da Portela

Nas margens do Rio Ave

Nos tempos que vão correndo já não há quem creia nos malefícios de bruxas, nas tropelias de lobishomens, nem na visita apavorante de fantasmas que, ao dar da meia noite, apareciam a torturar os míseros viventes, a reforçar remorsos ou suplicar o cumprimento duma promessa para eterno repouso das suas almas em pena.

Ainda há poucos anos não havia aldeia que não tivesse a sua tradição ligada a um caso de espectros ou o seu local próprio para estas aparições que iam tomando proporções gigantescas à medida que o povo as fazia correr ao sabor da sua imaginação sempre fértil.

Recordo-me de ouvir contar na minha infancia a história do moleiro que se defrontou com uma procissão de almas do outro mundo e que, por isso mesmo, veio a morrer de susto. Era o José de Sever, e tinha o seu moínho no logar de Pontes, da freguesia de S. Martinho de Sande. Ainda o conheci.

A propósito da sua morte, contava-se uma história arrepiante.

O José de Sever começara a sua vida como criado do moleiro António da Portela, velho avarento que não gosava de boa fama na visinhança. Afirmava-se que tinha deixado morrer a mulher sem assistencia médica, embora aferrolhasse alguns alqueires de libras não se sabia onde.

Um dia, fôram dar com êle morto no fundo da escada do moinho.

Correu com insistencia que o velho fôra assassinado pelo criado para o roubar, mas esta versão desvaneceu-se ante as provas aduzidas pelo servo que nessa noite se encontrava no arraial de S. Torcato, a algumas léguas do local do crime.

Admitiu-se, por fim, que o velho, tendo ido vigiar o trabalho das mós, visto estar de folga o criado, escorregara na escada e caíra pesadamente no lagêdo, onde esfacelou o crânio. Um simples desastre que as pernas trôpegas do moleiro justificavam.

Tempos depois, o José de Sever adquiriu um moinho no logar de Pontes e a sua situação começou a melhorar consideravelmente.

— Se calhar andam aí as libras do morto — boquejava-se a cada passo.

— E daí talvez não.

— Ora! «quem cabritos vende e cabras não tem, dalgures lhe vêm...».

Os anos fôram correndo e a terrível suspeita caíu no esquecimento.

Certa manhã, fôram dar com o José de Sever estendido na estrada, junto de dois sacos de farinha. Estava completamente tolhido.

Eis como ele contava a sua aventura:

— Eu tinha ido levar ao Zé Padeiro dois sacos de farinha para a amassadura de madrugada. Era quási meia noite. Para refrear o mêdo, ora assobiava, ora falava com o meu burro. Quando passava defronte do cemitério, o animal tropeçou, e os sacos, mal apertados na albarda, tombaram no chão. Nisto, vir saír do cemitério uma longa fila de indivíduos, todos de opa branca, caminhando num passo candenciado de procissão. Um entêrro àquela hora?!

Mas não me constava que tivesse morrido ninguêm na freguesia. Enfim, criando ânimo, aventurei-me a pedir a um dêsses indivíduos, que seguia mais afastado dos outros, o favor de me ajudar a carregar o burro.

— . tiosinho, dê-me aqui uma mão... Queira desculpar... mas azares dêstes acontecem a qualquer...

O outro aproximou-se de mim, tanto, tanto, que lhe sentia o hálito gelado como neve... Foi então que o conheci...

E o pobre moleiro ficara-se nêste ponto da sua narrativa, a olhar esgazeado para todos os que lhe rodeavam o leito.

— Quem era? Quem era? — preguntavam as mulheres rebentando de curiosidade — se calhar era o Zé da Taipa que se péla por essas gracinhas.

— Hum! estou em crêr que era o Bento da Carreira — resmungava uma das curiosas — ainda uma noite destas me pregou um susto no Carrascal. O que êle queria sei eu... T'arrenego!... Não podia ser outro ..

Mas, por mais nabos que tentassem tirar da púcura, o pobre moleiro não se decidia a revelar o nome do estranho desconhecido. Com a língua entaramelada pelo pavor, murmurava apenas:

— Foi então que o conheci... o malvado... o malvado...

— Mas o que te disse ele? — perguntou o Zé Fernandes, homem velho, ponderado e de bom conselho — escandalizou-te com alguma má palavra?

— Não, senhor... Ah! se vocemecê soubesse, tio Zé, se vocemecê soubesse!

— Desembucha, homem, estás p'raí a tremelicar como um petiz com medo de açoites... Que diabo! Um homem é um homem! Que te disse êle? Ofendeu-te em pontos de honra?

— Não, senhor... Ah! que se vocemecê soubesse! Mas tenho medo...

— Medo de quê! .. Não estamos todos aqui para te defender? Raio de idéia a tua! Conheço-te há um bom par de anos e nunca te vi assim .. Sempre julguei que fôsses doutra qualidade... Quando é que se viu um homem ter medo de outro homem?

— Mas é que êle não é um homem — gemia o moleiro.

— Então é um burro?

— Não, senhor. E' uma alma do outro mundo!

— Essa agora! Entraste na pinga, e daí as tuas visões... Toma juizo, e a tua mulher que te esconda a chave da adega.

— Não é nada disso, tio Zé, eu estava no meu perfeito juizo, assim Deus me salve... Quem eu vi com êstes que a terra ha de comer foi o Ti'António da Portela, tal como andava por êste mundo.

— E o que te disse êle? — preguntou o velho assombrado com o que ouvia.

— Como eu lhe pedisse uma ajuda para erguer os sacos da farinha, voltou-se para mim e disse-me: — Não posso. Pois não sabes que morri... Já não te lembras de mim?... Não te perdôo nem no inferno. Até ajudaste a amortalhar-me para tapar as bôcas do mundo...

— Então fôste tu que o mataste?

— Não, senhor. Foi o Chico da Vinha que embarcou para o Brasil.

— Bem sabemos. Fôste tu que lhe pagaste as passagens, ladrão! Havemos de dar parte à justiça.

— Não vale a pena. Já pouco posso durar. Aquele maroto deu cabo de mim. Se vocês vissem os olhos que êle me deitou! E então o bafo? Ainda lho sinto... Era frio como a neve e gelou-me o coração...

E o moleiro tombou sem sentidos. Ensaiou-se o indicado pela medicina caseira, mas tudo foi em vão. Ir chamar o médico às Caldas das Taipas, não valeria a pena, pois tudo isso demoraria umas poucas de horas. O melhor era deixá-lo morrer para ali, que não se perdia grande coisa.

Com efeito, no dia seguinte, o José de Sever estava morto.

Verificou-se mais tarde que nem êle nem o Chico da Vinha tinham qualquer responsabilidade na morte do António da Portela. O verdadeiro assassino confessou pouco depois o crime, à hora da morte. Era um cunhado da vítima, e de tal maneira se arranjara que ninguêm suspeitara dêle.

Mesmo assim, aquela gente não se convenceu nunca da inocencia do José de Sever.

Fôssem lá dizer-lhe que havia sido alucinação do homem! Pois haveria alguem que não acreditasse na procissão dos mortos?

Além disso, o cão do Tio António da Portela, que foi o primeiro a dar alarme, ia tôdas as noites uivar à porta do José de Sever. Em face disto não podia haver dúvidas. O animal encontrava-se no moínho, amarrado com uma corda, e assistiu, portanto, à prática do crime. Vira quem lhe assassinara o dono, e não pudera ir em seu auxílio, amarrado como estava. Faltava-lhe o dom da fala para desmascarar o criminoso, mas valendo-se do seu instinto, ia tôdas as noites uivar-lhe à porta para que todos o conhecessem.

Fôssem lá convencer do contrário aquele povo supersticioso e cabeçudo.

Quando o José de Sever foi vítima da sua alucinação, houve logo quem se lembrasse de ter visto o cão vaguear para as bandas do cemitério. Naturalmente aguardava a passagem da procissão dos mortos para que o dono lhe fizesse festas.

Tudo isto se arreigou no espírito obtuso daquela boa gente, e tão profundamente que nem a confissão do verdadeiro criminoso fez desvanecer a culpa sôbre o desventurado José de Sever!

Alucinações? Queriam lá saber disso! O maroto era capaz de tudo... O outro, o que confessou, é que endoidecera à hora da morte à fôrça de pensar no triste fim do cunhado...

Sérgio de Montemor.

O moinho da Portela

A SEMANA NÁUTICA DOS ESTORIS

Dois barcos nas provas de vela, em plena corrida, numa arrojada viragem. Ao vermos o vento enfunar as velas, lembramo-nos dos gloriosos tempos dos descobrimentos

O sr. Presidente da República, e o ministro da França assistindo às corridas na esplanada do Tamariz. — Em baixo: os *out-riggers* de 4 remos, representando Portugal, França e Bélgica, em plena regata. Há entusiasmo, há vida, há tenacidade para afrontar todos os Adamastores que apareçam. Pelo menos, os seus concorrentes assim o provaram, patenteando a sua energia brava e indomável

Um aspecto dos preparativos da regata na baía de Cascais em que todos os concorrentes se empenharam com denodo para exaltar as côres do seu país. Esta prova deixou as mais belas recordações em todos os que a ela assistiram

A equipa do Club Naval em *out-riggers* de 8 remos que tão valorosamente se bateu, mostrando ser legítima descendente dos grandes navegadores que «deram mundos novos ao mundo»

Out-riggers de 4 remos disputando a vitória, vendo-se em primeiro plano a equipa da Associação Naval que se evidenciou com a valentia que todos lhe conhecem e admiram. Esta prova constituiu um verdadeiro acontecimento desportivo

UMA JÓIA GÓTICA

Não há estilo que mais eleve as almas para Deus, do que o estilo gótico. Nas catedrais góticas, nós sentimos a alma e o espírito penetrados duma religiosidade tôda espiritual.

Nas suas colunas delicadas há a elevação para o céu, nas suas arcadas ogivais há como que o gesto dos braços levantados e das mãos unidas numa prece fervorosa.

A meia luz coada pelos vitrais admiraveis, permite-nos a meditação e o alheamento ás coisas do mundo. Nas pedras trabalhadas por fervorosos crentes, ficou a fé imutável de gerações, que espalha no ambiente essa atmosfera de sincera crença que nos dá a impressão, do sobrenatural, que nos penetra e envolve.

Eu tenho visto muitas catedrais góticas grandiosas. A Batalha tão nossa e emocionante para o nosso patriotismo, a maravilhosa catedral de Burgos, que em si contém tôda a rígida religiosidade espanhola, a pequena mas bela catedral de Bayonne, tão graciosa e gentil, Notre-Dame, a catedral esmagadora e suntuosa, a pequena catedral de Freiburgo, com os seus santos pintados e esmaltados, personificação pura da arte alemã, e o Duomo de Milão, essa obra em que o perfeito estilo gótico dum tão superior encanto, não consegue dominar o paganismo que, predomina em todos os monumentos da Itália, do país em que verdadadeiramente cresceu e se desenvolveu a fé cristã, nascida na Palestina.

Mas nunca nas minhas numerosas visitas a Paris tinha conseguido vêr a Sainte-Chapelle, ainda que muitas vezes ali tivesse ido, no antegozo duma emoção de arte, mas umas vezes fechada, outras em obras, outras perdida a oportunidade, só êste ano consegui vêr essa maravilha, que ao meu espírito apaixonado do Belo se apresenta como a mais pequena e a mais preciosa joia de estilo gótico.

Pegada ao «Palais de Justice», a sua eleganteaquitetura e a sua aguda torre, numa delicada renda de mármore, de tôda a parte nos atrai a atenção e nos chama a si. Capela que pertenceu ao Palácio real que foi depois e é ainda palácio de justiça, ela é uma surpreza maravilhosa, por que se é deslumbrante por fóra pela sua pureza de estilo, pela sua elegância de linhas, por dentro é um assombro de côr e de riqueza.

Mandada construir por S. Luís, rei de França, para guardar a Santa Relíquia da corôa de espinhos, ela é a expressão da fé mais viva.

Entra-se pela capela baixa ou capela dos «Serviteurs» pois era nesta capela que ouviam missa, os servidores dos reis de França e nunca servidores, ouviram ou ouvirão missa em local de tão artístico valor e de tanta beleza.

Não são elevadas as suas colunas nem muito altas as suas arcadas, para que melhor se possam vêr as maravilhosas decorações que revestem a madeira que a recobre tôda. Não são pinturas são esmaltes, das mais belas côres dos mais delicados desenhos, que nos deixam de bôca aberta perante tanta riqueza e bom gôsto.

Entre as arcarias dos lados, há baixos relevos com a vida de Nossa Senhora; rodeados de pedras preciosas, do mais delicado efeito. «Cahachous» em granadas formam as cercaduras.

O brilho desta capela é inegualavel, o seu encanto subjuga-nos e temos a impressão de que nada no mundo nos poderá arrancar um igual grito de admiração.

Sentimo-nos subjugados por tão soberba beleza e exgotado parece-nos o poder de deslumbramento.

Mas subimos uma pequena e turtuosa escada de pedra em caracol, à volta duma trabalhada coluna, uma dessas escadas, que se encontram em todos os monumentos antigos, sobretudo nos de estilo gotico, e, essa admiração que nos parecia na capela baixa, nada nos poderia mais inspirar, arranca-nos um grito ao encontrarmo-nos na capela alta, na capela real, verdadeiro relicario precioso.

Repentinamente estamos no meio da mais deliciosa luz coada atravez dos altissimos vitrais, que esguias e deliciosas colunas emolduram e vão rematar na abobada esmaltada do mais suave e encantador colorido. É indiscriptivel a beleza soberba dêsses vitrais que são a única decoração da deliciosa capela, a que poderemos chamar a verdadeira festa da luz, mas uma festa tão espiritualmente superior que só a Deus podia ser dedicada.

Nessa capela idealmente religiosa, que por si só é uma oração, a mais veemente e mais fervorosa das orações, ouvia missa todos os dias num banco esculpido e belo, Branca de Castela a virtuosa rainha, mãe de S. Luís, rei de França, missa a que assistia também com a mais viva fé êsse rei santo: exemplo de justiça e de virtude.

Virtude que lhe foi investida por sua mãe, essa sublime mulher que pôs tôda a sua piedade de religiosa, no cumprimento dos seus deveres, na educação dum filho, que ofereceu a Deus, e, que fez dêle um santo.

Foi talvez naquele banco que S. Luís viu tanta vez os ensinamentos dessa mãe que lhe dizia:

«Filho, tu és na terra o meu grande amor, tôda a minha razão de viver, eu daria por ti gostosamente, a minha corôa de rainha, a minha própria vida, asm prefiro vêr-te morto a que cometas um pecado mortal».

E ao vêr a capela onde as suas fervorosas orações subiram ao céu, onde ouviu os conselhos de sua mãe, nós compreendemos, que se formasse ali a alma dum santo.

Como compreendemos que Luís XI o de alma tôrva e má, de rosto feio e antipatico, não quizesse entrar nessa mansão de luz e mandasse abrir uma fresta enviezada, na sacristia, de onde só via o altar, com medo talvez que no luminoso ambiente se salientasse a fealdade da sua alma, e, inspirasse a um dos seus subditos o desvario de um gesto de vingança por tanta maldade e torpeza.

Ao saír da Sainte-Chapelle, e ao entrar no «Palais de Justice», quem tem o sentido da Arte sente-se caído, como que do céu na terra, apesar de que há ainda nessa passagem por um soberbo e antigo palácio um tempo intermediario entre a capela e a rua moderna.

Seria um choque demasiadamente violento, a passagem directa para a rua, essa rua duma das maiores capitais do mundo, essa rua de barulho, de automóveis e de cheiro a gazolina.

A Sainte-Chapelle, é um logar de suprema Arte, de Beleza inegualavel, que nos deixa na alma o perfume subtil da saüdade, de espiritualidade, dum ambiente superior que nos teve algum tempo, muito acima dêste mundo.

E pensarmos que esta jóia preciosa do estilo gótico, onde o nosso espírito se eleva como o incenso queimado no turíbulo da nossa fé, foi profanada no terrível ano de 1791, servindo, alternativamente, de club, de armazem de farinhas e de depósito de arquivos judiciários!

Segundo um piedoso relatório de essa época de iconoclastas, «a Santa Capela estava irreconhecível».

Felizmente, houve quem se compadecesse da sua sorte, sendo a restauração dirigida por Duban, Lassus, Viollet-le-Duc e Boeswillwald, que realizaram prodígios de talento na reconstituïção das preciosidades despedaçadas pela fúria vandálica. Por fim, o erudito escultor Geoffroy-Dechaume tomou a seu cargo a restauração das figuras.

Enfim, salvou-se, tornando-se ainda mais bela pelo seu martírio.

Maria de Eça.

CAPRICHOS DA SORTE

A mocidade caduca de Vieira de Castro

Enfatuados conselhos a um futuro conselheiro

Estudantes e tricanas de outro tempo

QUANDO relembramos o desventurado José Cardoso Vieira de Castro não podemos deixar de censurar-lhe o vil interesse que o levou a procurar noiva rica no Brasil, para, depois, a assassinar num gesto de desespêro, e desgraçar assim a sua vida ainda no começo.

E, no entanto, êsse estúrdio que se divertira em Paris entre tais devassidões a ponto de escandalizar a sensibilidade de Antero de Quental, nunca teve mocidade. Nasceu velho, ponderado e conhecedor do mundo em que surgira.

Avalie-se o que pensava aos dezassete anos numa carta que escreveu ao seu condiscípulo João José Mendonça Cortez que tinha precisamente a mesma idade.

O fedelho, na sua missiva, explana-se com a seriedade de um conselheiro, embora, dos dois, só o Mendonça Cortez conseguisse oficialmente, muitos anos depois, êsse honroso cargo palaciano. Dá a impressão de que se trata de um homem experimentado na vida, que se digna dar os mais salutares ensinamentos a uma criança na ocasião em que esta se dispõe a transpôr o pórtico doirado da mocidade esperançosa.

Dezassete anos! Como se poderia ser assim em semelhante idade, não tendo sofrido ainda os insultos da desventura? Num momento em que nada lhe faltava, em que não tinha de pensar no dia de âmanhã, o jovem estudante dava-se ares de sábio doutrinador e perscrutador da psicologia humana!

Eis a curiosa carta que reproduzimos na integra:

Amigo Cortez

Em cumprimento da promessa que te fiz e de um dever de amigo, noticio-te a minha chegada à minha verdadeira pátria, feliz pelo gôzo da companhia da minha família, senão tanto pelo bom estado sanitário em que a encontrei.

No entanto nem me esquecem os laços de amisade, e de uma afeição que te caracterizam para mim como um rapaz verdadeiramente sincero, nem tampouco êsses bancos onde há pouco pugnavamos nas lides muito honrosas e de que sahimos talvez bem satisfactoriamente.

E, na verdade, amigo Cortez, se nos pátrios lares se respiram esses ares de innocencia, de ternura e de affabilidade, que começaram por nos acalentar no berço, por certo que elles excluem essa atmosphera vivificante, onde ajudado pela inteligencia e pela ambição da gloria transluz o estudo, nascido ainda mais por um dever de gratidão que nos obriga a pagarmos um feudo aos sacrificios de nossas familias extremosas, que nos procuram um porvir de venturas fazendo-nos instruir. E não lamentes tu essa demora que terás em Coimbra por estes meses feriados, porque tendo por um lado a companhia de tuas Ex.mas Tias, a quem respeitosamente me recomendo, e gosando assim o que poderias esperar no teu Algarve, tens o que ahi não acharias: a beleza inimitavel dêsses campos, regados por as serênas e dôces aguas do Mondego, que são sem dúvida um dos mais ricos panoramas da Europa.

Não acharias ahi sem duvida a poesia, que ahi encontras nesses passeios tão caros à imaginação, ao coração e à intelligencia.

Onde encontrar, Cortez, um sitio como o *Penedo da Saudade*, que tão facilmente se preste a enxugar as lagrimas vertidas na ausencia da nossa patria?

Onde encontrar um *Penedo de Meditação*, que tanto nos faculte o poder de vivermos pelo pensamento, quando queremos olvidar as pequenezes do mundo?

Onde achar um prazer mais puro, mais terno, mais sentimental do que esse que em nós origina o murmurio dessa limpha historica que na Quinta das Lagrimas nos lembra a existencia d'uma affeição mais que humana, como que inspirada por os anjos, e de que hoje o cinismo dos homens tão isempto está?

Mas só coisas tão tristes! dirás tu.

E' verdade. Mas que importa, se é preciso ser triste para viver por o coração?

Já vês, pois, amigo Cortez, que seria infundada qualquer suspeita de que eu poderia por um momento olvidar-te, ou a esses sitios, ou d'essas conversações, que tantas vezes nos fizeram parecer instantes horas continuadas, ou ellas cahissem sobre os nossos trabalhos literarios, e sobre as nossas ambições de demonstrar ás nossas familias a nossa aplicação, ou sobre esses assumptos, que, animando a intelligencia, fazem viver o coração, se acaso o tivesses.

Adeus. Escreve-me. Recomenda-me a todos que por mim perguntarem, e conta-me aquillo sobre que eu poderei interessar-me.

Recebe uma verdadeira saudade do teu amigo

J. Card.º Vieira de Castro.

Pôrto, 14-Junho-55.
Rua 16 de Maio-n.º 190.

O Mondego acima de Coimbra

Para um rapazelho de dezassete anos, era ir longe de mais. Previa já talvez um amplo futuro em que as suas desmedidas ambições podessem esvoaçar à vontade.

Um trecho do Choupal

A política começou a tentá-lo com tal ímpeto que, nove anos depois, o empolgava inteiramente. Um belo dia, propoz-se a deputado pelo círculo de Fafe — e venceu.

Tinha vinte e seis anos apenas, mas a sua voz sibilava no Parlamento como a pita de um chicote.

Era ainda uma criança. O conde de Avila, sendo ministro da Fazenda costumava cumprimentá-lo com um abraço, chamando-lhe «menino».

E Vieira de Castro, encanzinando com tal tratamento, repontava numa das suas mais belas tiradas parlamentares:

«Pois que é ser criança? Ser criança é ter a alma pura de odientas rivalidades e de pequeninas vaidades que nos abaixam os olhos do céu!

«Ser criança é não sentir nunca fechada a alma a qualquer impulso generoso, nem o braço chumbado ao tronco quando é preciso vingar uma audacia!

....

«Há uma coisa que é bem piór do que ser criança. E' ser velho! Ser velho, senhor presidente, é estar já debruçado sôbre a varanda do tumulo, ter a vista embaçada nas trevas do futuro, que é de Deus!»

Ser criança poderia ser tudo isto, mas Vieira de Castro não se conformava com tal tratamento, embora lhe fôsse dado na sincera intenção de lhe agradarem.

O Penedo da Saüdade

O rapazote que se arvorava em mentor de outro rapazote queria equiparar-se aos mestres. Apesar de manifestar a sua gratidão pela família que lhe procurara «um porvir de venturas, fazendo-o instruír», Vieira de Castro nunca soube acatar os ensinamentos dos seus professores como lhe competia. E a prova é que foi expulso da Universidade em resultado das tropelias que fez. Nessa altura, não encontrava no *Penedo da Meditação* «o poder de viver pelo pensamento quando desejava olvidar as pequenezes do Mundo».

O *Penedo da Saudade*, que êle tanto enaltecia ao seu amigo Cortez, também não lhe causava a menor impressão.

Por sua vez, a *Quinta das Lagrimas*, cuja «linfa histórica lembrava a esse rapaz de dezassete anos a existencia duma afeição mais que humana, como que inspirada pelos anjos, não tinha a virtude de lhe inundar a alma com êsse «prazer mais puro, mais terno, mais sentimental que o cinismo dos homens de então não podia conhecer.

O jovem mentor aconselhava estas panaceias a outro jovem com a hipocrisia dum curandeiro que indicasse qualquer tratamento empírico a um doente, embora se recusasse a experimentá-lo em caso de necessidade.

Cortez foi aceitando tudo isto com a cortezia, que o seu nome lhe indicava, conquanto pensasse de maneira muito diferente. Sendo algarvio, falava pouco e raciocinava muito.

Ao contrário do seu mentor, triunfou, conquistando, a breve trecho, as mais altas classificações nas faculdades de Direito e Ciências Naturais em que se matriculara. Aos 23 anos era lente da cadeira de Finanças. Seguindo sempre na sua brilhante carreira, em 1865 foi encarregado de coligir os documentos relativos à História da Igreja em Portugal. Ao cabo de vinte e quatro meses de exaustivo trabalho, tinha concluído o 1.º volume que estava destinado a provocar sensação. No entanto, o govêrno, movido por altas influências, não estava disposto a providenciar convenientemente no sentido de apressar a impressão da obra, embora Mendonça Cortez tivesse oferecido parte dos seus ordenados para êsse fim.

Entretanto, Vieira de Castro, levado no turbilhão da sua vaidade e da sua ambição, caía num cárcere com o estigma de assassino, e seguia para o degredo em Africa, onde morreu com 34 anos de idade.

A ponte da Portagem

Depois de trinta anos de vida de casado, um desgraçado marido teve a felicidade de morrer, livrando-se assim de a aturar mais tempo.

A viuva, remexendo nos papeis do defunto, encontrou uma apólice de seguro de vida em seu favor, garantindo-lhe cem contos por morte do marido. Em face dêste achado encomendou logo num canteiro, uma lápide com a seguinte inscripção: *Descansa em paz.*

— Bem a mereceu, coitado! — suspirava ela.

Quando se dirigiu à Companhia de Seguros a fim de receber os cem contos, teve a decepção de verificar que o contrato caducára, visto não terem sido pagas as últimas prestações.

Num estado de raiva inexprimivel, a irascivel viuva, não tendo já sôbre quem fazer caír a sua cólera, voltou a casa do canteiro, e recomendou:

— Na lápide que mandei fazer para o coval do meu marido, indiquei uma legenda...

— Sim, minha senhora — confirmou o canteiro — V. Ex.ª mandou pôr *Descansa em paz.*

— Pois ha de acrescentar-lhe umas palavras. Ficará assim:

Descansa em paz... até o nosso próximo encontro!

■

Um individuo encontra um amigo envergando luto rigoroso, e diz-lhe, com um grande abraço.

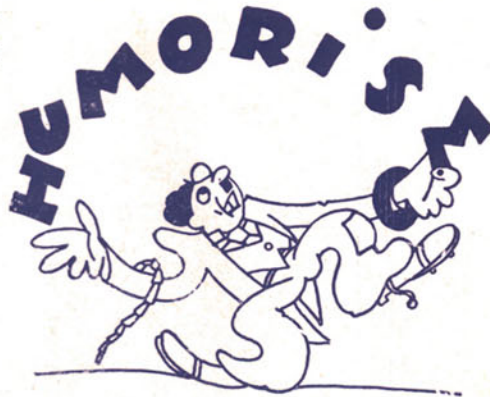
— Só ontem soube do triste acontecimento. Apresento-lhe os meus sentidos pesames, meu caro amigo. Compreendo

Ela, para o marido gravemente ferido num desastre:
— Fui receber o teu seguro... Repara que lindo chapéu comprei com o dinheiro recebido!

o seu grande desgosto... perder assim a sua esposa ao cabo de vinte anos de casado...

— E' verdade, meu amigo — lagrimejava o viuvo — custou-me muito. Morreu justamente no momento em que começava a habituar-me a ela!...

■

Um médico provinciano, tendo vindo passar uns dias em Lisboa, hospedou-se em casa de um amigo na rua Morais Soares que, como se sabe, fez caminho para o cemitério do Alto de S. João. Da janela do seu quarto via passar enterros e enterros durante o dia inteiro.

— Isto é que é sorte para os médicos de Lisboa! — comentava ele com inveja — pelo que se vê, não lhes falta que fazer!...

■

— Este ano vou fazer uma viagem de recreio pela Suíça e pela Itália.

— Levas a tua mulher?

— Pareces idióta, homem! Se te digo que vou fazer uma viagem de recreio, como poderia levar a mulher?

■

Um bebedo que já tinha a sua conta, ao dirigir-se para casa aos zigue-zagues, depara com um amigo que se lamenta do tempo que está fazendo.

— Com um dia assim, toldado e tristonho, sinto-me nervoso e incapaz seja do que fôr.

— Pois eu não — salientou o borrachão — sou perfeitamente o contrário: o tempo mostra-se triste quando está toldado, e eu quando estou toldado é que me sinto mais alegre!

■

Um caçador petulante contava a outro as maravilhas da sua pontaria.

— Para fazeres uma idéa da justeza do meu tiro, basta dizer-te que, uma vez, matei uma perdiz a dois quilómetros com a espingarda carregada com bala.

— Pois a mim — remoqueou o outro tem-me acontecido muito melhor do que isso. Quando as perdizes me vêem evitam-me o trabalho de gastar polvora...

— Como?

— Rendem-se para evitar a efusão de sangue.

O filho: — *Tenham dó de meu pobre pai que é surdo-mudo!!!.....*
O pai: — *Não grites tanto, alma do diabo, que me fazes doer a cabeça!*

■

Dois provincianos, marido e mulher, tendo vindo a Lisboa, deram-se ao luxo de ir para o Estoril. Passeando na praia, a mulher que nunca tinha visto o mar, murmurava assombrada:

— Repara, Joaquim. Que quantidade de água.

— E isto é só a que se vê por cima — explicava o marido com grande autoridade — se tu visses a quantidade que está por baixo... então é que ficavas de bôca aberta.

■

Um individuo que levára anos e anos a trabalhar infatigavelmente numa repartição, e sempre na miséria, casou com uma velha que o enriqueceu.

Um colega, quando o felizardo se despedia, abraçou-o suspirando:

— Emfim, a ti sempre te fizeram justiça. Quando nada se pode conseguir pelos méritos, consegue-se pela antiguidade.

■

Uma senhora ralha com a criada que, tendo ido ás compras, perdeu o dinheiro. O patrão, alarmado com a gritaria, chama a esposa e indaga o que se passa.

— Foi aquela palerma que perdeu o dinheiro que eu lhe dei para ir ás compras.

— Tem aqui V. Ex.ª uma linda caneta.
— Não é preciso ser tão grande. E' apenas para escrever um ou outro telegrama...

— Mas ouve lá: tu quando lhe deste o dinheiro, recomendáste-lhe que o não perdesse?

— Não. Eu podia lá supôr que o perderia?!

— Então de que te queixas, se a culpa foi tua?

■

Uma mulher, farta de aturar o marido, procurou um advogado para que êste lhe indicasse a melhor maneira de requerer o divórcio.

— Senhor dr. — informava ela — meu marido trata-me como uma cadela, e faz-me trabalhar que nem um burro. O que devo fazer para me vêr livre dêle?

— Apresentar a sua queixa na Sociedade Protectora dos Animais.

A 2.ª EXPOSIÇÃO CANINA INTERNACIONAL DO ESTORIL

Em cima: Dogue Alemão, Jandaya, 1.º prémio em C. J. F., 1.º prémio, C. A. C., C. A. C. I. B., Prémio de raça, Taça «Praia Estoril» e Taça «Golfo Estoril» em C. A. F., propriedade do sr. Luiz Brandão. *A' esquerda:* Aracy Florestal, 1.º prémio e prémio de raça, propriedade do sr. Luiz Brandão

Confidential of Ware, 1.º prémio C. A. C., C. A. C. I. B. melhor da raça, propriedade do sr. eng.º Fernando Espírito Santo M. Galvão

O juís inglês Mr. Hamilton-Adams, examinando em conjunto os exemplares de raça Pequineses — que, ao que parece, são hoje a moda

Aspecto do «ring» em que o juiz inglês Mr. Hamilton-Adams, procedeu à classificação

Ch. Wyrksop Flair, 1.º prémio C. A. C., C. A. C. I. B., prémio de raça e o melhor exemplar da exposição entre tôdas as raças. Propriedade do sr. Reynaldo Pinto Basto

PÁGINAS FEMININAS

A animação nas praias atingiu o seu auge. Setembro é sempre em Portugal o mês das praias, o nosso outono, doirado e quente, que prolonga no nosso país a temporada balnear.

As manhãs doiradas e quentes, ou levemente veladas, pela gaze das neblinas, que a brisa ligeira se compraz em esfarrapar, tornam a praia deliciosamente apetecível e as fofas areias doiradas e finas que de Caminha a Vila Real de Santo António, emolduram o nosso país, veem-se cobertas de banhistas, que procuram nos banhos do sol e na natação, a saúde, que os cuidados e a excitação da vida moderna tinham abalado.

Nos Casinos as festas sucedem-se e a mocidade quere esquecer as ameaças da hora presente, que a desgraça da visinha Espanha e os horrores que ali se têm passado, tornam bem presentes.

A dança embriagadora faz esquecer que estamos vivendo sôbre um vulcão. E' bem natural esta reacção da juventude contra os perigos que ameaçam a quadra mais bela da vida, essa quadra que quando é obscurecida pela desgraça fica completamente perdida, porque não volta mais.

Os jogos na areia à brisa vivificadora do Oceano, as danças e os «flirts» que amenizam as horas são bem naturais na idade em que tudo se vê em rosa e em que é bem natural o anseio de felicidade e de distracção.

A mocidade quere distrair-se, e é bem justo êsse desejo, é preciso amenizar-lhe a vida emquanto é possível fazê-lo, mas é também necessário que os divertimentos da juventude se mantenham dentro do limite do que deve ser, para que o bolchevismo moral, não acompanhe o bolchevismo político.

Do excesso de liberdades vem o desrespeito da autòridade e a anarquia moral é tanto ou mais perigosa do que a anarquia política, porque se instala surrateiramente no seio das famílias sem defesa possível.

Mas o perigo dessa anarquia é fácil de refrear, se os pais educarem como deve ser os seus filhos, e as mãis exercerem com a experiência que a vida lhes dá, a influência moral que devem ter sôbre as suas filhas.

Nós temos de compreender que não é com a educação que entre nós se dá aos rapazes, que as raparigas podem ter a liberdade, que têm as raparigas dos países nórdicos, onde o rapaz é simples e respeitador.

Mas as mãis portuguesas atordoadas com a liberdade moderna, que viram por êsse mundo, as que viajaram, e que acham elegantíssima as que de aqui nunca saíram, não refletem que o nosso meio não é propício para essa liberdade falta de preparação na educação da mocidade.

Ainda há pouco uma menina de superior inteligência e rara formação moral, me contava, que estando em casa duma família, numa cidade do país, próximo duma praia, os rapazes da casa tinham convidado três meninas de famílias respeitaveis, para irem dansar ao Casino dessa praia.

E aí foram em alegre passeio os três pares, sem que a vigilância de pais ou parentes as incomodasse. Dansaram, cearam e às 4,30 da manhã recolheram a casa essas três meninas que entre si pouco mais fariam do que sessenta anos, acompanhadas por êsses rapazes, que no dia seguinte em família descreviam a «pândega» como lhe chamavam, acrescentando, «mas nós não lhes tocámos».

A revolta de pudor ofendido, que a sensata rapariga sentiu ao ouvir êste comentário é bem natural, mas a culpa não é dos rapazes, que não tiveram a educação de distinguir que, tratando-se de meninas, não era preciso essa afirmativa, nem tão pouco de raparigas que insensatamente os acompanharam, mas das mãis dessas meninas, que permitem que suas filhas andem a horas tardias da noite, longe dos seus olhares, com rapazes, que se admiram de não as ter tocado, porque basta essa maneira de dizer, para se sentir a consideração que por elas têm.

Estamos ainda a tempo das mãis refletirem e verem o caminho que vão tomando, que as suas filhas se divirtam é natural, mas que o façam debaixo da sua vista protectora, com a noção do que é a vida e que a mulher portuguesa de hoje conserve os seus hábitos de recato, que a tornavam conhecida na Europa.

Acabemos com êsses hábitos que vêm do estrangeiro a que o temperamento da raça e a falta de preparação moral, não deixam ter entre nós a naturalidade que têm em alguns países, e, que as meninas que gostam da liberdade, pensem no que tem para elas de injurioso a frase dos rapazes, que acompanharam as três raparigas que talvez não sejam mais do que ingénuas embriagadas com a loucura do modernismo.

Maria de Eça

A moda

ESTAMOS nos meados de Setembro, o outono aproxima-se e a moda de outono é lançada nas praias elegantes do sul da França, e nas reuniões «chics» dos castelos de França, onde se reunem as elegantes para as caçadas, que são uma verdadeira exposição de modas e um pretexto para reunir a alta elegância.

De manhã e de dia as elegantes em simples trajos de caça, ou passeio, das senhoras que acompanham em automóvel as caçadas, à noite os elegantes vestidos de jantar e nas grandes festas os vestidos de baile.

A moda vai seguindo a sua marcha e não é grande a sua modificação, a não ser em certos detalhes, que marcam um regresso à moda passada de muitos anos.

A moda, como que assustada do caminho que faz, regressa ao que já foi, arrependida talvez dos seus excessos, volta-se como em geral ás reacções a um outro excesso, e, de das pernas nuas até ao joelho estamos a voltar ao «falhalas» nas saias de baixo.

E nada nos prova mais á evidencia essa reviravolta, que o lindo vestido em veludo preto abotoado à frente e vestido sôbre uma saia em vaporoso «organdi» branco, todo em folhas guarnecidos a renda valenciana de um efeito vaporoso, assim como as enormes mangas, em folhos e renda, que dão a impressão de leves azas de cisne, e de deslumbrante alvura.

O outro simples vestido de jantar é tambem no mesmo sentido, mas o seu ar de saia e blusa torna-o tão simples que uma rapariga de dezoito anos póde vesti-lo.

Em «taffetás» azul escuro, tem uma barra de cordões metidos, que afastam a saia cortada a jeito. Um cinto no mesmo «taffetás» aperta com uma fivela em prata; o corpo muito decotado... e de amplas canas, deixa vêr a mais deliciosa blusa em tule e rendas, êstes dois vestidos teriam tido um igual sucesso aí por 1906, há trinta anos e não digam que a moda não está retrograda. Nas noites frescas de outono, o abafo de noite tem um logar proeminente na bagagem das frequentadoras de Casinos e de festas.

Os fortes abafos em pele são ainda mal suportados, e necessário se torna ter um leve abafo, que não deixe penetrar a humidade da beira-mar, ou a neblina da montanha. Para êsse efeito nada mais elegante do que um casaco em «claqué» grosso de seda preta e modêlo mais gracioso do que o de amplas mangas chamadas de lanterna não póde haver. Todo forrado em macio veludo dum «beige rosé» tem as bandas, e a gola levantada um pouco a Medicis, no mesmo veludo.

E' usado sôbre um vestido em setim brilhante «beige-rosé».

Para de manhã para passeio, para acompanhar uma caçada nada mais próprio do que êste elegante vestido em «tweed» com a frente formando colete, bandas e gola em xadrez. As mangas formam capa, um largo cinto em camurça com uma fivela em metal e um gracioso feltro, completam o conjunto.

Para passeio um lindo vestido princesa em «jersey» azul escuro, um gracioso pregueado rematado por um nó guarnece a frente. Peitilho e punhos em folhos plissados de «organdi». Feltro guarnecido com uma fivela e um pequeno véu. Raposa «argenté». Na meia estação a raposa aparece sempre.

Vestido de noiva em setim branco, corte princesa, grandes mangas medievais até ao pulso, cauda cortada a jeito no próprio vestido. Veu em tule liso e muito simples e pequena corôa em açucenas brancas.

Grande ramo de açucenas; as «toilettes» de noiva são sempre esperadas com ansiedade pelas noivasinhas gentis, que querem no dia do seu casamento deslumbrar todos com a sua beleza em flôr.

Higiene e beleza

HÁ modas para tudo e até para a côr dos cabelos. As elegantes manifestam, como os romanos de há séculos, uma extraordinária predilecção pelos cabelos loiros.

Eu não concordo com esta predilecção das senhoras de Portugal, que vem estragar o lindo tipo de cabelos e olhos escuros, que é a caracteristica da mulher portuguesa. Concordo que as que nasceram loiras deixem conservar a côr do cabelo, mas mudá-lo acho sempre pena, mas como a minha opinião não pode prevalecer venho, pelo menos, aconselhar na maneira de alourar o cabelo sem o prejudicar.

O «heuné» acaba sempre por engrossar o cabelo, há uns «shampoos» que aclaram mas enfraquecem o cabelo. Uma das maneiras de aloirar sem grande prejuízo é a água oxigenada. Há quem lhe deite uns pingos de amoniaco, mas nem tôdas as epidermes o suportam.

A mais inocente maneira de alourar é fazer um cosimento de macela ou camomila e molhar os cabelos com essa água, querendo que dê uma côr mais clara fazer uma espécie de papada com as fôlhas e deixar estar algum tempo, e depois, passar o cabelo em água limpa.

As pequenas coisas na vida da mulher

A elegância da mulher é feita de pequenos nadas que têm a maior importância no seu aspecto e que a completam por assim dizer. A carteira, as luvas, o calçado e as próprias jóias têm de ter uma perfeita harmonia com a «toilette», e é nesses pequenos particulares, que se reconhece a mulher requintadamente elegante.

O sapato tem de ter uma côr que se harmonise com o vestido e se não poder ser no mesmo tom deve, ser no tom das luvas e da carteira. O colar moderno de côres vivas em cristal ou «galalit» tem de ser um complemento da «toilette» e não um jeito de mangasto, que escangalhe o conjunto.

A's vezes um lenço, um anel a mais e está perdida a elegância duma mulher «chic». A mulher distinta não usa mais do que um anel em cada mão, se os aneis forem grandes, e sendo pequenos pode juntá-los num só dedo. Os dedos carregados de aneis são a nota do novo rico, do pior gôsto, que uma senhora pode manifestar. Os pequenos nadas, são muito para a mulher «chic».

Receitas de cozinha

Bolos de farinha de milho: 200 gramas de farinha de milho, 100 gramas de farinha de trigo, 300 gramas de açúcar, 150 gramas de manteiga, 2 gemas de ovos, 1 clara de ovo, raspa de 1 limão (o vidrado) e 1 pitada de canela em pó:

Deitam-se numa vasilha as farinhas, o açúcar, a manteiga, as gemas de ovos, a clara de ovo batida, a raspa de limão e a canela, amassa-se tudo à mão, da qual a massa se separa fàcilmente, por causa de farinha de milho e da manteiga.

Quando a massa está homogénea, o que se dá passada uma meia hora de amassadura, tendem-se pequenas bolas, que se colocam umas ao lado das outras devidamente separadas, em taboleiros de ir ao forno, untados com azeite fino.

Essas bolas achatam-se contra o fundo da lata pelo seu pezo, quando são sujeitas à acção do calor do forno, que não deve ser demasiado quente, ficando os bolos com a forma de meias bolas depois de cosidas.

Pipocas: 1 ovo, 1 chávena de leite, 1 pitada de sal, 1 colher de sopa de açúcar, 1 chávena de farinha de milho: Bate-se a clara separadamente e junta-se depois aos restantes ingredientes. A massa obtida mete-se em forminhas que se levam ao forno quente durante 20 minutos.

De mulher para mulher

Açucena: Parece-me pela sua carta que tem a candura da flôr que escolheu para pseudónimo, e, é tão raro nas raparigas de hoje, que é caso para a felicitar. Acho que não pode ter melhor conselheira que sua mãe, neste caso, e creia que me encantou ver o respeito que lhe tem, hoje que as raparigas falam de tudo com as mães sem respeito algum. Ninguém se pode interessar mais pelo seu futuro que sua mãe que a criou e educou com tanto carinho.

Odette: Mas o mês de Setembro é sempre o mais agradável para as praias, sobretudo para as do Sul, que tão lindas manhãs têm nesse mês. Se não toma banhos para que precisa de «maillot»? É uma exibição ridícula, faça um vestido de praia ou um pijama em «jersey» porque as manhãs já são frescas.

Marieta: Não há como as lindas quintas portuguesas, para o repouso necessário ao organismo. Esses passeios a pé são muito higiénicos. Como livros aconselho-lhe «Nossa Senhora do Amparo» e «Toledo» de Antero de Figueiredo e «Noeud de Vipéres» de Mauriac.

Pensamentos

O que não pode urdir uma língua traidora, com a sua preciosa habilidade.

Cuidado com aqueles cuja bôca sopra o calor e o frio.

A beleza é o melhor ornamento, a bondade a melhor qualidade.

NAS MARGENS DO ZÉZERE

Mocidade em botão

Trecho de aldeia

Quem, nesta época de veraneio, abandona a cidade por um ou dois meses, não deve deixar de fazer uma digressão pelo coração da Beira, e parar uns momentos nas encantadoras margens do Rio Zézere. Nada mais belo nem mais atraente.

O beirão, tendo até certo ponto, as características do trasmontano, é, no entanto, mais dócil e mais brando, sem deixar de ser impulsivo no momento próprio. É o legítimo descendente de Viriato, e, como tal, se ufana em meio de tôda a sua rudeza.

Aquilino Ribeiro, no seu belo livro "Terras do Demo„, define assim a Beira:

"A aldeia serrana é assim mesmo: bulhenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada, com todos os sentimentos e instintos que constituiam o empedrado da comuna antiga. Ainda ali há Abrahão, e os santos vêm à fala com os zagais nos silenciosos montes; ali roda o carro gótico nos mais velhos caminhos romanos; é pagã, e crê em sua religiosidade tôda exterior adorar o seu Deus de S. Tomaz; conta pelo calendário gregoriano estes terríveis dias de peste, fome e guerra, e está imersa nos nebulosos tempos do rei Vamba„.

Mas, em tôda a sua ingenuïdade, o beirão é bom e generoso, e dotado de uma tal fôrça de vontade que poderia servir de exemplo e incentivo aos mais experimentados filhos da capital.

Vive-se ali uma vida patriarcal, rígida, mas feliz.

Quando há festa em qualquer ponto beirão, acorre gente das aldeias próximas, e até da cidade, a manifestar a sua fé ingénua e ainda impregnada do perfume pagão.

É interessante ver desfilar os ranchos de romeiros folgazões que seguem a pé, a cavalo, em carroças e até — viva o luxuoso progresso que se aventurou a penetrar nestas paragens semi-bárbaras! — em automóvel.

Levando Deus nos lábios, fazem um barulho dos demónios!

E, por entre veredas e atalhos, atingem a estrada poeirenta que, ora se estende em zigues-zagues através de vales profundos, ora serpeia pelos flancos da montanha.

Na sua fé, patenteiam também o seu patriotismo, cantando a plenos pulmões:

Nossa Senhora da Póvoa,
Deitai os olhos ao chão,
E dai fôrça aos portugueses
P'ra defender a Nação.

Na romaria da Senhora da Granja, seguem com o mesmo fervor, embora supondo que a Virgem que vão visitar não é a mesma que festejaram na Póvoa. E, assim, cantam-lhe numa toada singela:

Nossa Senhora da Granja
Meu açafate de fitas,
Nossa Senhora da Póvoa
Manda-vos muita visitas.

Dado o recado, lá se vão, alegres e satisfeitos, enquanto as raparigas, dando largas aos seus folguedos, fazem a mais sincera das confissões, na sua voz melodiosa e bem timbrada:

Nossa Senhora da Granja,
Bem me podeis perdoar,
Vim à vossa romaria
Só p'ra cantar e bailar.

Quando chega o momento da romaria da Senhora de Almurtão, as raparigas vão mais longe nas suas súplicas a Virgem, chegando a pedir-lhe o Menino Jesus em casamento:

O' Senhora do Almurtão,
Dai-me o vosso filho, dai;
Dai-mo, casarei com êle,
Será genro de meu pai.

Na sua ingenuidade bendita, as moças beiroas calculam que a Senhora de Almurtão deve ficar lisongeadíssima pelo alto aprêço em que têem o seu Divino Filho! E, no fim de contas, talvez tenham razão. As suas canções são tão puras, tão ingénuas, tão isentas de maldade, que poderiam ser comparadas à mais fervorosa prece de uma alma em estado de graça.

Santa gente a da Beira!

Quando passamos pela margem do Zézere, encontramos lavadeiras gentis metidas na água, numa posição forçada, mas satisfeitas no desempenho da sua árdua tarefa.

Nunca ouviram cantar as lavadeiras do Zézere? Pois vale a pena. Oiçamos uma que parece incitar as companheiras num atrevido desafio:

Fui lavar ao Rio Triste,
Levou-me a água o sabão,
Lavei a roupa com rosas,
Ficou-me o cheiro na mão.

A resposta não se fez esperar como é de velho uso em tais casos. Uma outra lavadeira canta:

Eu tambem sou lavadeira,
Lavo no Rio Jordão;
Lavo a roupa com rosas,
Deixo em casa o sabão.

E uma outra, suspirando pelo seu Manel que há muito tempo anda arredio sem ter motivos para isso, canta numa toada triste com uma noite sem lua:

Eu tambem sou lavadeira,
Lavo no Rio Jordão;
Lavo rendas e entremeios,
Mas não lavo o coração!

Entretanto, o rio caudaloso vai acompanhando com o seu murmúrio plangente aquelas trovas que tão nitidamente definem o estado de alma de quem as canta.

Oh! as margens do Zézere! quanta poesia encerram!

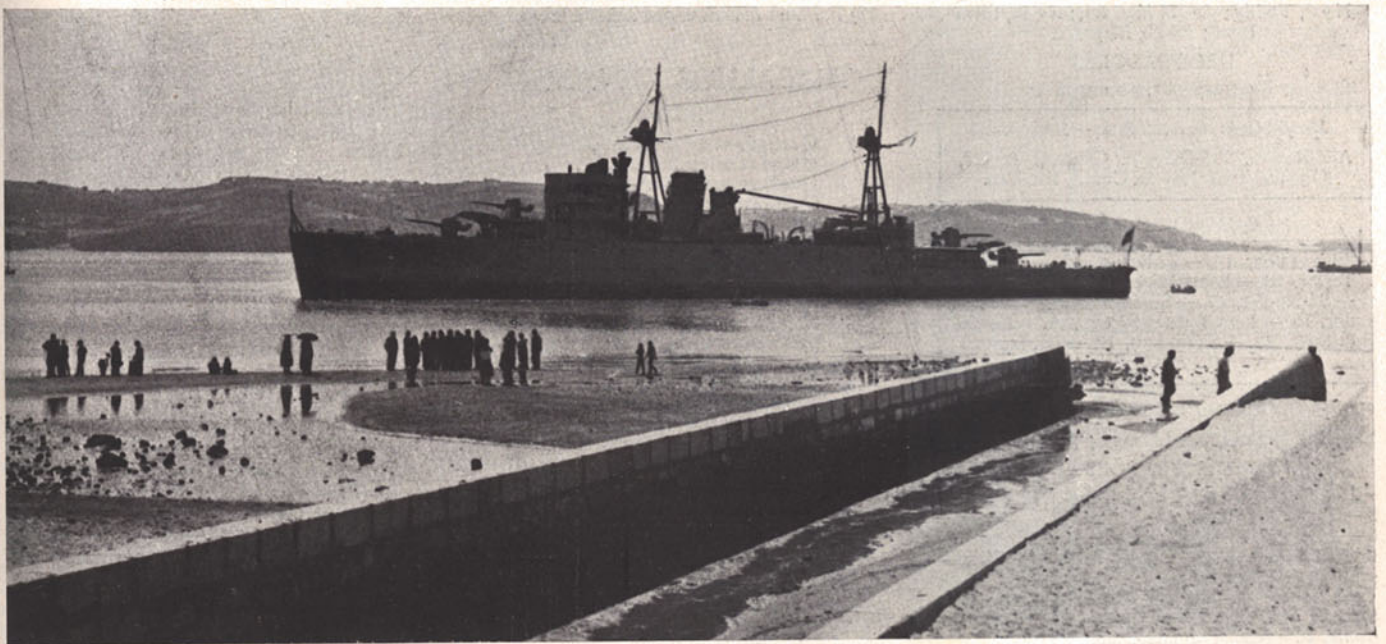
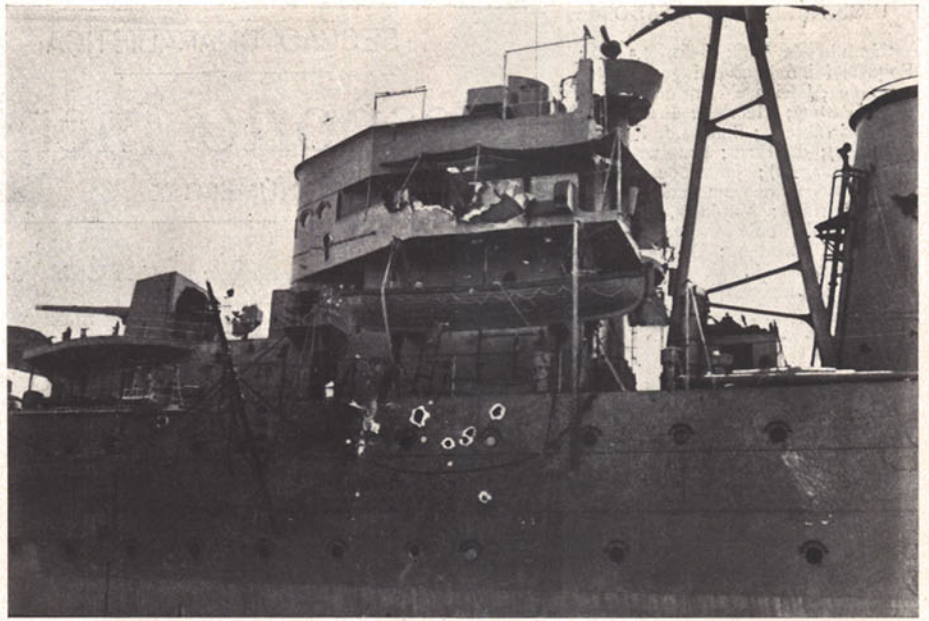
(Fotos de Mário Braga).

Uma travessia pitoresca

Lavadeiras do Zézere

O Zézere, espêlho da Natureza

A insubordinação a bordo do "Dão" e do "Afonso de Albuquerque"

Na manhã de terça-feira última, parte das guarnições do aviso «Afonso de Albuquerque» e do contra-torpedeiro «Dão» amotinaram-se, tentando sair a barra. O Govêrno, que já conhecia as criminosas intenções dos sublevados, tomara as necessárias providências para os reduzir imediatamente à obediência. Tanto o «Afonso de Albuquerque» como o «Dão», que foram energicamente atacados pela artilharia da costa, renderam-se pouco tempo depois. — A' direita, vê-se um aspecto do «Afonso de Albuquerque» após o bombardeamento. Ao centro, o mesmo barco encalhado em Algés. Em baixo, o contra-torpedeiro «Dão» em frente de Lisboa

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 66

APURAMENTOS

N.º 57

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAD IRA
N.º 19

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

MAD IRA
N.º 11

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, To-My; n.º 13, Mad Ira,; n.º 18, Silva Lima; n.º 20, Magnate.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan.

QUADRO DE MÉRITO

Silva Lima, 19. — Ti-Beado, 18. — Capitão Terror, 18. — Salustiano, 18. — Rei Luso, 18. — Só-Na-Fer, 17. — Só Lemos, 15. — Sonhador, 15. — João Tavares Pereira, 15. — Lamas & Silva, 13. — Salustiano, 12. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 10.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 8. — D. Dina, 8. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Casa-saca-casaca. 2 — Bicha-chara-bichara. 3 — Dia-Ana-Diana. 4 — Cirata. 5 — Nervoso. 6 — Maldito. 7 — Sanguechuva. 8 — Sícera-sira. 9 — Labrosta-lata. 10 — Fajardo-fado. 11 — *Liberto-lito.* 12 — Magana-o-ão. 13 — Sorte prêta. 14 — Taró-roca-taroca. 15 — Sola-lapa-solapa. 16 — Passado. 17 — Regêlo. 18 — Pontoso. 19 — *Concerto-conto.* 20 — Cama no chão, cama de cão.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Espera que eu já te «*arranjo*»: *tosquio*-te de modo *apropriado.* (2-2) 3.

Lisboa — *Chim Pan Zé*

2) Está tão *torto* êste «*calçado*» que não pode servir para «*molde*». 2-2 (3).

Lisboa — *Yzinha*

3) Anda sempre em *voga* aquele que *mordica* e provoca *gritaria.* (2-2) 3.

Luanda — *Ti-Beado*

METAGRAMA

4) À tua *voz* de *silêncio* fico com *cara* de parvo — e é *voz geral* que eu já te não *namoro!* (4-5).

Lisboa — *Tan-Kon*

NOVÍSSIMAS

5) O «*insecto*», «*nota*», é *aromático.* 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C).*

6) Não leves esta «*ave*» se tens que *remar para trás* porque começa a *emagrecer.* 2-2.

Lisboa — *Yzinha*

7) Não *desprezo* ninguém, *senhor!* Não sou *orgulhoso!*... 3-1.

Biscaia — *Quim Mosquito*

8) O que me *causa* mais *pena* é êle ser *doidivanas!* 3-1.

Lisboa — *S. Irene*

9) *A fama* desta «*mulher*» dá-lhe *celebridade* 2-2.

Luanda — *Ti-Beado*

10) Que *assombro!* «*Um*» trabalho *admirável.* 2-1.

Lisboa — *Zé da Burra*

SINCOPADAS

11) *Anula* a sua acção, se não *acompanha com bebida* o alimento. 3-2.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

12) Oxalá que a tua *voz esganiçada desapareça!* 3-2.

Colares — *Maria Luíza*

13) Foi num *barranco* que achei êste *tição.* 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

14) Quero água e aguardente,
Quero salsa ou limonada,
Quero cerveja, groseilhe,
Quero café, laranjada,
Pirolitos, cidra, anis,
Agua com chá, ou licor,
Xarope de baunilha,
Ou vinho, que inda é melhor.
Eu tenho pressa, Sofia,
Não acredita? É verdade.
Não vê que estou a suar
Qual gorducho sor abade?!
Traga coisas de beber,
Custem trinta ou cinqüenta.
No fim dar-lhe-hei de gorgeta,
De centavos uns noventa.
Corra, menina Sofia,
Tenha pena, por favor.
Veja se pode abrandar
Esta sêde, êste *calor!*...

Biscaia — Alb-a-Velha — *Olegna (L. A. C.)*

15) Experimente escrever
Três vezes sem descansar,
Seguidamente, cinqüenta.
Chegando ao fim há de ter,
Sem que a possa evitar,
Uma *cólica violenta.*

Lisboa — *Zé da Burra*

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO

LOGOGRIFO

16) Quiz casar o Zé da Adiça,
Um rapagão de verdade,
Com moçoila bem roliça,
E não viu *dificuldade* — 4, 9, 6, 7.

Em pedir a sua mão,
Nem sequer a *voz* tremeu... — 2, 5, 8, 3
Nunca treme um mocetão
Que faltas não cometeu...

No dia do casamento
— Êsse beco sem *saída* — 6, 5, 4, 1
Foi o Zé no seu jumento
P'ra casa da prometida.

Surgiu-lhe, porém, à *cara* — 8, 3, 2, 5
O Ti Jaquim, seu vizinho,
Que esta coisa lhe dispara:
«Zé da Adiça — pobrezinho! —

«Se com a Rosa casares
— Não julgues que são *mentiras* — 8, 7, 3, 6.
«Vais ter dares e tomares,
«E a f'licidade a que aspiras

«Para ti será tormento,
«Porque a Rosa te enganou...»
Deu esporas ao jumento
E em *silêncio* abalou — 4, 1, 8, 9

O Zé da Adiça, a chorar...
Sofreu muito, o pobrezinho,
Mas em lugar de casar
Passou a viver *sòzinho*...

Lisboa — *Sepol*

MEFISTOFÉLICA

17) Quem *prestar declarações*
E segrêdo não guardar,
Há de *levar* ilusões
Do juiz que o *desterrar.* (2-2) 3

Lisboa — *Xis & Grego*

NOVÍSSIMAS

18) *Está doente* «*o*» *meu amor* — 1
Sem que eu lhe possa valer.
Rogo a Deus nosso Senhor
Pronto alívio ao seu sofrer.

Nada vale «*a*» vida assim, — 1
Vida amarga e vida dor!
Ai de mim, pobre de mim,
Está doente o meu amor.

Longe de ti, doentinha,
Eu penso que vai morrer
Essa vida que é só minha,
Sem que eu lhe possa valer.

Ergo as mãos convictamente,
Cheio de fé, com fervor,
E por ti constantemente
Rogo «*a*» *Deus Nosso Senhor.*

E de tanto suplicar
Deus divino há de atender
As minhas preces e dar
Pronto alívio ao seu sofrer.

Lisboa — *Mad Ira*

Os balões de ensaio

«A propósito do discurso do ministro da Defesa Nacional Sul-Africana, o redactor diplomático do «Morning Post» sugere que o Govêrno britânico peça a Portugal e à Bélgica que cedam parte das suas colónias à Alemanha».

(Telegramas de Londres)

19) Há gente contristada, há gente aflita,
Porque não tem colónias a Alemanha...
Mostrando ter «*coragem*», já contrita, — 1
Vai dar-lhe as do mandato a Grã-Bretanha!

Satisfaz ambições e a guerra evita.
(Diz-se... Alguém acredita em tal patranha?!)
Prova que viu de Mussolini a «fita» — 2
E põe um fim à hitleriana sanha.

Dos despojos da guerra — um crime atroz —
A parte do leão deu-a ao Transval,
E só p'ras «custas» se lembrou de nós...

Para prender Vulcano, o Deus que teme,
Ocorreu-lhe uma idéia genial:
«Façamos nós a fôrça que ela... *geme*».

Lisboa — *Sileno*

NOTA: — *Ordem de leitura dos símbolos: — 1-2-3-4.*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

A sr.ª D. Fernanda Duarte Reis, e o sr. dr. João Augusto Moreira Rato, por ocasião do casamento realisado na paroquial de S. Sebastião da Pedreira. (Fot.º Melo).

Festa de caridade

NA MATA DO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO

Com extraordinária concorrência, realizou se na tarde do dia 6 do corrente, na mata do Convento de Santo António do Estoril, uma interessante festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e da colónia espanhola, actualmente no Estoril, da qual faziam parte as seguintes senhoras: D. Adelaide Temudo de Somer, D. Alice Sousa Melo, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Branca de Somer de Andrade, Condessa de Murça, Condessa da Póvoa, Condessa de Vil'Alva, D. Estefânia de Matos, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Fernanda Betencourt Moreira de Carvalho, D. Maria Camila Viana Carneiro Pacheco, D. Maria Emília Taquenho, D. Maria Eugénia Perestrelo d'Orey, D. Maria José Guedes, D. Maria Madureira, Marqueza d'Aledo, Marqueza da Praia e Monforte, Marqueza de la Vega de Anzo, D. Tereza de de Melo e Castro de Vilhena, Viscondessa de Riba Tamega e Viscondessa de Santarem. O produto destinava-se a favor do cofre do Asilo de Santo António, sucursal das Oficinas de S. José, de Lisboa, e que constou de «ginkana infantil», em que foram disputados artísticos prémios, de barracas de sortes, tombola, pim-pam-pum, argolas, pesca milagrosa, venda de chá e refrescos, e dos números sensacionais, variações à guitarra, pelo distinto amador sr. Artur Paredes, que acompanhado dos srs. Francisco e Fernando Pinto Coelho, deliciou a seleta assistência, com alguns números de variações, sendo freneticamente aplaudido, e os números de fados pelo brilhante cantador sr. Filipe Pinto, que foi acompanhado pelos srs. António de Guimarães Serodio (Sabrosa), Francisco e Fernando Pinto Coelho, que também obteve grande êxito. Durante a festa foram rifadas uma magnifica bicicleta e uma artística boneca. A comissão organisadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como mundano.

Casamentos

Na capelinha de Nossa Senhora da Conceição em Cascais, realizou-se com grande brilhantismo, presidindo ao acto o reverendo prior de Cascais, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Carlota de Sousa e Faro de Lencastre, gentil filha da sr.ª D. Judite de Sousa e Faro de Lencastre e do ilustre clinico sr. dr. D. Fernando de Lencastre, com o distinto advogado sr. dr. Conde de Caria, filho mais velho da sr.ª D. Maria Emília Homem Machado Mendes de Almeida e do falecido sr. Boaventura Mendes de Almeida, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a irmã do noivo sr.ª D. Maria do Carmo Mendes de Almeida de Figueiredo e de padrinhos o pai da noiva e tio paterno do noivo sr. António Mendes de Almeida. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia durante a qual foram executados no orgão vários trechos de música sacra foi servido na elegante residência de Cascaes, dos avós paternos da noiva sr.ª D. Beatriz de Lancastre, que infelizmente se encontra de cama devido a um desastre de que foi vítima e do ilustre clínico sr. dr. D. António de Lancastre, um finíssimo lanche, partindo os noivos, aquem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para a Madeira, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na capela da Associação de Proteção às Raparigas o casamento da sr.ª D. Lúcia Leone Parreira, interessante filha da sr.ª D. Clotilde Leone Pereira e do falecido capitão de cavalaria sr. António Antunes Parreira, com o sr. Artur Gago da Silva, filho da sr.ª D. Maria de Sousa Caçada e Silva e do sr. José Gago da Silva, servindo de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos o sr. general Francisco das Chagas Parreira e o pai do noivo, presidindo ao acto o reverendo Bettencourt, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia, foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, aquem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para as Berlengas, onde foram passar a lua de mel.

— Em Viatodos, realizou-se na capela da elegante residência da sr.ª D. Maria de Oliveira Dias da Costa Araujo Lima e do sr. Matias Rodrigues de Araujo Lima, o casamento de sua interessante filha D. Maria Amélia, com o sr. António Júlio de Sousa Correia Barbosa, filho da sr.ª D. Elvira de Sousa Correia Barbosa e do sr. Paulo Barbosa Junior, já falecidos, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a irmã do noivo sr.ª D. Maria Guilhermina Correia Barbosa da Cuuz e Silva e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. dr. Paulo de Sousa Correia Barbosa. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Serviram de «damas de honor» as sr.ªs D. Maria Manuel de Bourbon e Menezes, D. Libéria Pinheiro Pêgo, D. Maria José Sampaio e Melo, e a irmã da noiva D. Maria Margarida, e de caudatários os sobrinhos do noivo meninos Rui, António e Nini, conduzindo as alianças, a menina Elvira, sobrinha do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido no salão de mesa da «Casa da Capela», um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o sul do país, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paroquial de Albornôa, no Alentejo, realizou-se o casamento da sr.ª D. Raquel Palma Mira Delgado, gentil filha da sr.ª D. Assunção Palma Mira Delgado e do falecido coronel sr. Bernardo Tiago Delgado, com o distincto professor do Liceu de Beja, sr. dr. António Ferraz Franco, servindo de padrinhos por parte da noiva a mãe da noiva, a sr.ª D. Maria Izabel Palma Mira e o sr. dr. José Cristina Monteiro e por parte do noivo a mãe da noiva e o sr. João Francisco Franco.

Finda a cerimónia, onde foi servido um finíssimo lanche, na residência da mãe da noiva, partindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o Bussaco, onde fôram pássar a lua de mel, seguindo de ali para uma digressão pelo norte.

— Foi pedida em casamento pelo sr. Armando Esteves Coelho, para seu filho Agostinho, a sr.ª D. Emília Angélica Ferreira de Matos, interessante filha da sr.ª D Marcelina Ferreira de Matos e do sr. Francisco de Matos, devendo a ceremónia realisar-se no próximo mez de dezembro.

— Em Leiria, realizou-se na Sé o casamento da sr.ª D. Palmira Saraiva, gentil filha da sr.ª D. Mariana Saraiva e do sr. Luís Saraiva, já falecido, com o sr. dr. Guilherme de Barros e Vasconcelos, delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdencia, filho da sr.ª D. Maria dos Prazeres de Barros e Vasconcelos e do sr. dr. Pedro de Barros e Vasconcelos, servindo de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Anunciada de Carvalho e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. dr. Telo Maria e o pae do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na residência da família na noiva, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Em Coimbra, realizou-se o casamento da sr.ª D. Emilia Ferreira Nunes, interessante filha da sr.ª D. Maria da Piedade Ferreira Nunes e do sr. Francisco Nunes, com o sr. Júlio Simões de Carvalho, filho da sr.ª D. Maria Simões de Carvalho e do sr. João Simões de Carvalho, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Judite Maria Correia Pardal, e o sr. António Nunes Branco Pardal Junior, e por parte do noivo a sr.ª D. Maria da Conceição Rocha Pita e o sr. dr. António de Jesus Pita.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

Baptisados

Realizou-se na paroquial de S. Mamede, o baptisado do menino Pedro, gentil filhinho da sr.ª D. Maria Domingas de Noronha de Mendoça e do sr. D. Nuno de Mendoça (Azambuja), tendo servido de madrinha sua avó materna sr.ª D. Maria Carlota de Noronha e de padrinho o sr conde dos Arcos.

— Em Valença, realizou-se o baptisado da menina Maria Margarida, gentil filhinha da sr.ª D. Margarida dos Santos Cardoso Ferreira e do sr. Humberto Vitor Ferreira, servindo de madrinha a sr.ª D. Maria Leopoldina dos Santos Cardoso Ribeiro e de padrinho o sr. dr. Adelino Pereira Ribeiro.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Glória Gusmão de Morais, esposa do distinto engenheiro sr. Jaime de Morais. Mãi e filho estão de perfeita saude.

— No Porto, a sr.ª D. Maria Vitória Torreonsillo Moura, esposa do tenente sr. António Moura, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —.
Copas — 3, 2.
Ouros — A. R. D. V.
Paus — R. V. 10, 9, 6, 5, 2.

Espadas — 7, 6, 5, 4, 3, 2. **N** Espadas — D. 10, 9.
Copas — R. V. 9.
Copas — 7, 6, 5, 4. **O** **E** Ouros — 6.
Ouros — 10, 4, 3. Paus — A. D. 8, 7, 4, 3.
Paus — — — —. **S**

Espadas — A. R. V. 8.
Copas — A. D 10, 8.
Ouros — 9, 8, 7, 5, 2.
Paus — — — —.

Sem trunfo. *O* sai por 4 de ouros. *S* faz meio chelem.

Solução do número anterior.

S joga o cinco de paus, *N* deita o dois, *O* balda-se ao quatro de ouros. Se *E* jogar trunfo, *N* cobre, faz a sua segunda vasa de trunfo e joga, a seguir o quatro de paus para obrigar *O* a baldar-se.

Se em lugar de jogar trunfo *E* jogar ouros, *S* corta e o Rei de *N* fica firme. *S* joga trunfo. *N* cobre, faz a segunda vasa de trunfo e, a seguir, o Rei de ouros e *S* faz duas vasas de espadas.

Se *E* jogar em espadas, *S* faz imediatamente as suas duas vasas de espadas e *N* balda-se aos paus. *S* joga, então, trunfo e corta depois uns ouros de *N*. *S*, então, joga a carta pequena de paus que é firme e *O* não pode fazer mais nada.

O que está errado neste desenho?

(Passatempo)

Xadrez

(Solução)

1 D — 4 R — T×D
2 C — 3 B + (ou B 7 D) — M.

Se C ou P — ? Mate por P 4 3 D.

Os efeitos do anúncio

Um jornal alemão de há anos estudava os efeitos que produzem no público os anúncios publicados na imprensa. Segundo êle, para têr algum êxito, um anúncio deve publicar-se pelo menos, dez vezes seguidas, e sendo possível no mesmo sítio do jornal. Os efeitos seguem-se então desta forma:

Primeiro dia de publicação: o leitor nem sequer vê o anúncio.

Segundo dia: vê-o mas não se detém a lê-lo.

Terceiro dia: dá-lhe a curiosidade e lê-o.

Quarto dia: o leitor repara no preço do artigo anunciado

Quinto dia: repara nos sinais da casa onde se vende o artigo.

Sexto dia: fala do anúncio à sua mulher.

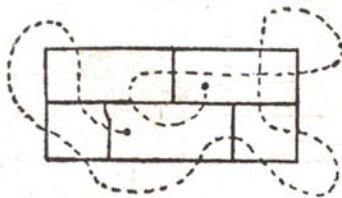
Sétimo dia: faz tenção de adquirir o objecto anunciado.

Oitavo dia: adquire-o.

Nono dia: fala do anúncio aos seus amigos.

Décimo dia: torna a falar do assunto aos amigos, e estes por sua vez falam dêle a suas mulheres. Então, a família de cada um dos amigos compra, por sua vez, o jornal e se o anúncio continua a vir publicado, os efeitos são os da bola de neve; o êxito é completo.

O cruzamento das linhas

(Solução)

Parece que não é possível, neste problema, preencher completamente as condições do enunciado.

O diagrama aqui apresentado mostra como se pode desenhar uma linha que atravesse tôdas as secções excepto uma, e portanto deve ser esta a solução que mais se aproxima da que se exigia.

O dominó do Carnaval

Na Idade-Média e durante os seculos XVI e XVII usavam os frades, quando viajavam, um gabão preto, largo, com um capuz. Era este, também, o vestuário dos padres, quando fazia frio. O referido gabão chamava-se, em latim, *domino*, embora, se não saiba porquê. Dizem alguns, que isto deve estar em relação com alguma frase como a de *benedicamus Domino*, que há na liturgia, ou simplesmente o *dominus* (senhor), porque o gabão usavam-o os padres por cima da sobrepeliz branca, quando saíam à rua a levar o Viático.

Usavam, também, este vestuário as pessoas que queriam viajar protegidas pelo seu aspecto de eclesiásticos. Por isto, talvez, o começaram a usar como disfarce algumas pessoas, nas aventuras do Carnaval.

Mudou o pano, porém o nome ficou o mesmo. Diz-se que o seu uso começou em Veneza. Depois, principiou a usar-se em França, e tornou-se muito popular, nos bailes de máscaras, durante a Regência.

Palavras cruzadas

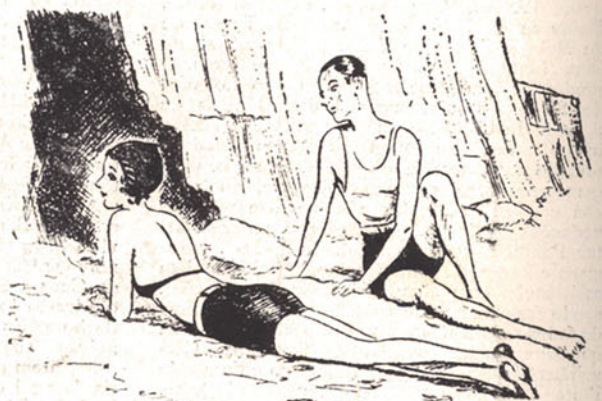
(Passatempo)

1	2	3	4	5	■	6	7	8	9	10
11					■	12				
13					■	14				
15					■	16				
17					■	18				
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
19	20	21	22	23	■	24	25	26	27	28
29					■	30				
31					■	32				
33					■	34				
35					■	36				

Horisontais: 1 — Nome de peixe. 6 — Liga de chumbo e estanho, feita na China. 11 — Desempenhar. 12 — Discussão. 13 — Baixar de preço. 14 — Engulir. 15 — Variedade de pera. 16 — Fútil. 17 — Viagem sem rumo 18 — Padreador. 19 — Pequena habitação campestre. 24 — Confusão. 29 — Vedeta. 30 — Poisio. 31 — Antiga moeda de oiro portuguesa, correspondente a 3 libras antigas. 32 — Aquilo que é indiferente. 33 — Espécie de forragem. 34 — Renque de mato que serve de linha divisória entre duas roças. 35 — Olarias. 36 — Madeira aromática da Índia.

Verticais: 1 — Espécie de coleóptero. 2 — Indemnizar. 3 — Mostrar pelo aspecto que está mal disposto. 4 — Um dos aparelhos das fábricas de tecidos 5 — Viagem indeterminada. 6 — Liga de chumbo e estanho, feita na China. 7 — Lugar de contenda. 8 — Expulsar. 9 - Vão. 10 — Padreador. 19 — Coisa insignificante. 20 — Caudilho. 21 — Antiga moeda de oiro, portuguesa, correspondente a 3 libras antigas. 22 — Espécie de forragem. 23 — Oliveira. 24 — Nome de um pássaro e de uma ave palmípede da África ocidental. 25 — Poisio. 26 — Com exactidão. 27 — Renque de mato que serve de linha divisória entre duas roças. 28 — Resina purgativa.

A mulher perfeita é aquela que no cumprimento do seu dever põe tôda a sua graça e a sua ternura.

A mulher que é mãe e que sabe sê-lo pode dizer que atingiu a perfeição e que cumpriu o seu fim ao vir ao mundo.

Ela: — *Não sei como você pode estar realmente apaixonado por mim, quando tão pouco me tem visto!*

(Do «Tit-Bits».)

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **oferecam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. 8$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

À VENDA A 4.ª EDIÇÃO

Donas de tempos idos

pelo CONDE DE SABUGOSA

D. Maria Pia, a «Ribeirinha» — D. Beatriz, Condessa de Arundel e de Huntingdon — D. Leonor de Áustria — D. Beatriz de Sabóia — As metamorfoses da Infanta — D. Francisca de Aragão — El-Rei D. Sebastião e as mulheres — Catarina de Bragança, Infanta de Portugal e Rainha de Inglaterra — D. Isabel de Portugal.

1 vol. de 332 págs., broch. . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança **14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo . . . 10$00
Cada vol., brochado. . . . . 120$00
„ „ encadernado em percalina . . . 160$00
„ „ „ „ carneira . . . 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA